



**Universidade de
Aveiro**
Ano 2018

Departamento de Comunicação e Arte

**DIANA MARIA
RODRIGUES DA
SILVA FERREIRA**

**AVEIRO_SÍNTESE: UM PROJECTO DE
DIVULGAÇÃO E FORMAÇÃO DE NOVOS
PÚBLICOS**



**Universidade de
Aveiro**
Ano 2018

Departamento de Comunicação e Arte

**DIANA MARIA
RODRIGUES DA
SILVA FERREIRA**

**AVEIRO_SÍNTESE: UM PROJECTO DE
DIVULGAÇÃO E FORMAÇÃO DE NOVOS
PÚBLICOS**

Relatório apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Música, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Helena Santana, Professora Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

o júri

presidente

Professor Doutor Paulo Maria Ferreira Rodrigues da Silva
professor auxiliar da Universidade de Aveiro

Professor Doutor Luís Filipe Barbosa Loureiro Pipa
professor auxiliar da Universidade do Minho

Professora Doutora Helena Maria da Silva Santana
professor auxiliar da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Apesar da simplicidade do trabalho apresentado, que nada reflecte dos vários estímulos que fui recebendo ao longo deste percurso, não posso deixar de agradecer a quatro figuras determinantes para que o caminho fosse trilhado: o saudoso Dr Carlos de Pontes-Leça, que generosamente me proporcionou o acesso ao seu arquivo pessoal, para a realização de um trabalho que ainda há-de vir; à Professora Doutora Maria Conceição Meireles Coelho, por ter apoiado o início desse percurso; à Professora Doutora Maria do Rosário Pestana, por me ter devolvido ao meu próprio caminho, que muito pouco passa pela Academia; e à Professora Doutora Helena Santana, por não ter desistido de me fazer chegar ao final desta etapa e pela amizade.

palavras-chave

Música electroacústica, formação de públicos, programação cultural, divulgação

resumo

O presente trabalho propõe-se reflectir sobre a divulgação em Portugal de música contemporânea ocidental, de tradição erudita, recorrente de meios electroacústicos, partindo do caso concreto do festival Aveiro_Síntese.

keywords

Electroacoustic music, mediation, cultural programming, promotion

abstract

This work aims to reflect about the promotion of western new music of “classical” tradition, with electroacoustic media, foccusing the particular case of Aveiro_Síntese.

ÍNDICE

Parte I – Projecto	pág. 03
Introdução	pág. 05
1.1 Enquadramento	pág. 07
1.2. Aveiro_Síntese	pág. 15
1.2.1. Aveiro_Síntese 2002	pág. 15
1.2.2. Aveiro_Síntese 2016	pág. 15
1.2.3 Resposta aos problemas	pág. 17
1.2.4. Nova Música para Novos Músicos	pág. 18
1.2.5. Música – Músicos – Públicos	pág. 25
1.2.6. Linhas de programação	pág. 28
Conclusão	pág. 32
Bibliografia	pág. 34
Anexo I	pág. 36
Parte II – Relatório da Prática de Ensino Supervisionada	pág. 55
Introdução	pág. 57
Breve descrição das turmas	pág. 59
Relatório das aulas leccionadas	pág. 61
Relatório das aulas assistidas	pág. 62
Actividades organizadas no âmbito do estágio	pág. 67
Actividades assistidas	pág. 77
Reflexão crítica	pág. 78
Anexo II	pág. 79

PARTE I

PROJECTO

INTRODUÇÃO

Na viragem para o século XXI, o contexto da vivência da arte musical contemporânea em Portugal era, de certo modo, diverso do actual: o número de criadores activos era consideravelmente inferior ao de hoje; o acesso desses mesmos criadores à produção dos seus pares fazia-se sobretudo no âmbito dos notáveis Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea (1977 – 2002), em Lisboa, ou no circuito dos seus congéneres estrangeiros, ou ainda através da aquisição dos escassos discos que chegavam até nós; acabado de nascer, o Remix Ensemble era o único agrupamento de carácter profissional dedicado à nova música e com a promessa de actividade regular. Para o grande público, a música contemporânea permanecia como matéria mais desconhecida do que o espaço sideral, relativamente ao qual as televisões se iam encarregando de produzir alguns conteúdos de divulgação. Para os intérpretes, a nova música era ainda, e tanto quanto possível, terreno a evitar.

No início do século, fora da capital, o maior esforço para a criação de um espaço organizado para a fruição de música contemporânea verificava-se em Aveiro (e no Porto, com o acolhimento dos concertos do Remix Ensemble no recém inaugurado Auditório de Serralves).

Apesar de uma tímida tentativa de abertura das Jornadas Nova Música (1997 – 2001) à cidade, o público da música contemporânea continuava a ser essencialmente composto por um grupo muito restrito de “adeptos”: compositores, sobretudo jovens e oriundos de diversos pontos do país, jovens intérpretes ou estudantes de música, muito poucos professores e público geral igualmente reduzido.

No caso da música electroacústica, as circunstâncias eram um pouco diferentes: se alguma tecnologia (que permite a produção sonora de forma experimental, sem a necessidade de conhecimentos musicais ou de acústica) conquistava mais “aficionados” no mundo das artes plásticas do que a música vulgarmente designada contemporânea, puramente acústica, a verdade é que, entre músicos, era ainda mais reduzido o número dos diversos actores – “praticantes” (criadores, intérpretes de música mista) e “consumidores” – na cena electroacústica. A esta realidade não seria alheia a inexistência de actividade de divulgação do repertório ou para a apresentação do, ainda assim, crescente trabalho criativo na área.

A somar ao desfasamento entre agentes criativos e consumidores na área da música, a oferta cultural em termos gerais, à época, na cidade de Aveiro, era francamente escassa. Face a essa carência e à inexistência de programação na

área da música electroacústica, urgia, pois, criar um projecto centrado na divulgação desse repertório e no estímulo à criação.

Surge, então, o primeiro festival Aveiro_Síntese, em 2002, com o objectivo de aliar a divulgação do repertório histórico à criação de oportunidades para a difusão de obras de autores portugueses, bem como da contemporaneidade proveniente de diferentes estúdios internacionais. Cada um dos nove concertos do primeiro Aveiro_Síntese daria a escutar uma obra do grande repertório histórico, uma obra de autor português e uma selecção de obras elaborada por uma personalidade a tal convidada, geralmente associada a um estúdio internacional de referência.

Procurando favorecer a aproximação do público a esta música, o Aveiro_Síntese foi programado num espaço da cidade (o Centro Cultural e de Congressos de Aveiro) e, em cada um dos seus sete dias de actividade pública, proporcionou o encontro do público com um dos compositores portugueses tocados no festival, em conversa sobre o repertório em escuta.

A decisão do Instituto da Artes de não apoiar mais do que um projecto por entidade no ano seguinte não permitiu que uma segunda edição do Aveiro_Síntese se realizasse em 2003, interrompendo a almejada criação de hábitos de escuta de música electroacústica junto do público da cidade. O Aveiro_Síntese haveria de regressar muito mais tarde, enquanto bienal, em espaço ainda mais central e numa cidade já algo transformada, mas ainda carente de actividade no domínio da divulgação musical.

Transformação vital para o alcance do primordial objectivo da efectiva divulgação da música electroacústica foi a tomada de consciência de que, ainda que crucial, a concepção de um bom programa a apresentar no centro da cidade seria ainda claramente insuficiente. Urgia aliar a isso a (re)invenção de estratégias para chegar a novos públicos, promovendo simultaneamente o interesse por este género junto dos músicos em formação.

Mantêm-se, pois, os objectivos de divulgar o repertório, estimular a criação, criar interesse pela difusão de música electroacústica e promover o debate em torno do género, mas as estratégias da bienal Aveiro_Síntese passarão pela criação de actividades de mediação mais eficazes e do envolvimento da comunidade.

1.1. Enquadramento

Se não ainda antes (pois já Beethoven se confrontava com o facto de que alguns dos seus quartetos não se destinavam aos ouvidos dos seus contemporâneos), desde o início do século XX, uma parte considerável da criação musical de tradição erudita vive à margem do conhecimento do público¹. Se tal se verificava inclusivamente nos países em que foram operadas as transformações mais radicais e vanguardistas do século XX (como a Alemanha e a França), o mesmo não deixou de ocorrer quando as novas músicas tentaram afirmar-se no contexto de um país de deficitária literacia, como Portugal.

É a partir dos anos sessenta do século passado que os primeiros compositores portugueses da contemporaneidade² ensaiam os primitivos passos num novo meio de produção musical. Contrariamente ao que o curso da história poderia fazer supor, terá sido Álvaro Cassuto (1938) o autor do primeiro estudo de música concreta devidamente documentado³. Foi por sugestão de Joly Braga Santos que António Macedo procurou esse então jovem compositor, que acabara de contactar com os novos meios. A expensas da Fundação Calouste Gulbenkian, Cassuto rumara aos cursos de Darmstadt no Verão de 1960, onde tomou conhecimento da existência de um estúdio de música electrónica da Siemens em Munique, que de imediato visitou, participando num curso aí realizado. Regressado a Portugal, improvisa um laboratório de electroacústica na Juventude Musical Portuguesa, onde elaborará o seu primeiro estudo de música concreta, que será, muito

¹ A Segunda Escola de Viena é, talvez, o primeiro caso de um grupo de compositores mal-amados, cuja sina será herdada pela generalidade dos compositores da segunda metade do século XX e do século XXI.

² Entenda-se por música contemporânea aquela que é produzida após a II Guerra Mundial. Antes disso, haviam estudado em Paris Armando José Fernandes (1906-1983), Fernando Lopes Graça (1906-1994), Pedro do Prado (1908-1990), Jorge Croner de Vasconcelos (1910-1974)—compositores que constituíam o denominado “grupo dos quatro”— assim como outros compositores, antes deles, haviam estudado fora de Portugal.

³ Informação recolhida em entrevista a António Sousa Dias, realizada a 19 de Março de 2017, e parcialmente confirmada por Álvaro Cassuto, em entrevista ao próprio a 18 de Julho do mesmo ano.

provavelmente, aquele que consta do filme “Verão Coincidente” (1963), de António de Macedo⁴.

Também Álvaro Salazar recorda⁵ uma aula do Professor Croner de Vasconcelos no Conservatório Nacional, no final da década de cinquenta, em que um colega menciona a existência da prática de música concreta. Certo é que, após a primeira experiência, Álvaro Cassuto depressa abandona os meios electroacústicos e só no início da década de setenta haverá novas incursões documentadas de compositores portugueses por esses meios.

Filipe Pires (1934 – 2015) será o primeiro a frequentar os cursos do Groupe de Recherches Musicales (GRM), em Paris, entre 1970 e 1972 (daí resultando um importante conjunto de peças electroacústicas, compostas entre 1972 e 1979, comercializadas pela Portugal-Som e que vieram a ser consideradas obras de culto por alguns coleccionadores estrangeiros), seguido de Álvaro Salazar (1938), que frequentou a mesma instituição entre 1973 e 1976 (não constando, porém, do seu catálogo quaisquer obras que recorram à electroacústica, senão no modo de pensar o som).

Apesar do desenvolvimento prévio de um pensamento marcadamente electroacústico, Cândido Lima (1939) diz ter tido o seu primeiro “contacto visual e prático com a Electrónica” por ocasião de um curso de Verão em Darmstadt, com Helmut Lachenmann, em 1970 ou 1972⁶ (em que este apresenta o sintetizador VCS3). A inexistência, em Portugal, de equipamento e de instrumentos adequados para os efeitos que pretendia não foram, para Lima, um problema: já em 1973 compunha para teatro integrando “novos sons”, recorrendo à gravação (suficientemente difusa) de quaisquer fontes tornadas irreconhecíveis (como um órgão). Mas só em 1975 é que o compositor rumou a Paris para satisfazer a sua necessidade de aprofundar as reflexões sobre música (a que associou a

⁴ Sousa Dias acredita ser este o filme de António de Macedo (seu pai) que integra música de Álvaro Cassuto. Cassuto apenas recorda que o seu estudo electroacústico foi utilizado num documentário da RTP. No sítio electrónico Internet Movie Database Álvaro Cassuto surge como compositor do filme *Verão Coincidente*.

⁵ Entrevista inédita a Álvaro Salazar, realizada a 20 de Julho de 2017, na residência do compositor.

⁶ Referência a *Morte de um caixeiro viajante*, em entrevista inédita a Cândido Lima, realizada em 11 de Julho de 2017.

matemática e lógica e, consequentemente, a programação informática), passando por Vincennes e pelos Ateliers UPIC, ao mesmo tempo que seguia seminários no Institut d'Esthétique et Sciences de L'Art, da Sorbonne.

Jorge Peixinho (1940 – 1995) tem a sua primeira experiência laboratorial no mundo da electroacústica em 1972/73, no Instituto de Psicoacústica e Música Electrónica (IPEM), em Gent, mas já em 1969, na obra multi-média *Nós não estamos algures*, que realizara com Ernesto de Sousa (1921 – 1988), recorreu à gravação sonora como suporte fixo integrante da obra.

As primeiras obras de Emmanuel Nunes (1941 – 2012) que integram recurso a meios electroacústicos datam de 1973, quer através da simples utilização de moduladores de amplitude (*Blending Season*), quer através do recurso a electrónica fixada em fita magnética (*Fermata*).

A nível da criação musical, os acontecimentos acabam por se suceder um pouco por acaso, pelo “processamento intelectual” de gravações escutadas na rádio⁷ ou de vivências estéticas experimentadas maioritariamente fora de Portugal, e integração de novas formas de pensar e trabalhar o som na experimentação musical (como Lima ou Peixinho), ou no decurso de uma formação mais sistematizada (como Cassuto ou, sobretudo, Pires).

Se é verdade que, desde 1962⁸, a Fundação Calouste Gulbenkian integrava na sua programação alguma música do seu tempo, incluindo de compositores portugueses (como Joly Braga Santos, Fernando Lopes Graça, mas também, logo em 1964, de Jorge Peixinho), o primeiro registo de programação que abrange música electroacústica remonta a 1970. No âmbito do XIV Festival Gulbenkian de Música, realizaram-se entre 10 e 12 de Maio desse ano três concertos e uma conferência, protagonizados pelo “Grupo de Pesquisas Musicais da Radiotevisão Francesa” (sic) – o mesmo GRM que Filipe Pires frequentou entre 1970 e 1972 – difundindo obras de Pierre Henry, Bernard Parmegiani, François

⁷ Tanto C. Lima como A. Sousa Dias, nas entrevistas realizadas, atribuem grande importância à rádio como meio de divulgação de uma certa contemporaneidade musical, que, segundo Sousa Dias, acabava por ser melhor aceite no meio das artes plásticas e cénicas, do que propriamente no meio musical.

⁸ Consulta de base de dados do Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian construída em 2007, aquando da celebração dos 50 anos da Fundação.

Bayle, Pierre Schaeffer, Iannis Xenakis, Janez Maticic, Ivo Malec, Luciano Berio e Guy Reibel, Karlheinz Stockhausen, Luc Ferrari, Alain Savouret, Edgardo Canton e Beatriz Ferreyra⁹. Não será de desprezar a importância que este acontecimento terá tido para os jovens compositores da altura, sobretudo se tivermos em conta que ainda no mês anterior, em Abril de 1970, decorrera o “IV Curso de Iniciação à Música Contemporânea”, composto por 3 concertos, de periodicidade semanal, “organizados e comentados por Jorge Peixinho”, com “duas séries de três aulas, por Joly Braga Santos e Filipe Pires”.

Além do papel mecenático, através da atribuição de bolsas de aperfeiçoamento artístico e da realização de encomendas aos compositores, a Fundação Calouste Gulbenkian desempenhou também um importantíssimo papel enquanto divulgadora. Aparentemente, só dez anos mais tarde, já nos anos oitenta, é que a música electroacústica conquista um novo espaço de referência. Em Viana do Castelo, João Soeiro de Carvalho e Rui Ribeiro iniciaram um evento que veio a revestir-se de grande relevância para a geração de compositores nascidos por volta de 1960: as Jornadas de Música Electroacústica de Viana do Castelo, cuja primeira edição decorre em Dezembro de 1980, inspiram-se em certa medida nuns outros encontros de electroacústica organizados em Vigo, por Enrique Macias, em Fevereiro do mesmo ano (que, por sua vez, derivavam de um primeiro concerto com programa electroacústico, em 1978, integrado no “Festival do Vran de Vigo”)¹⁰. Não foram muitas as edições das Jornadas de Viana do Castelo. À primeira, segue-se uma segunda edição, em 1981, acrescida do adjectivo “internacionais” (que persistirá na terceira, já em 1983).

Embora não se encontre qualquer referência documental a uma primeira edição, em Novembro de 1985 realizou-se, também por organização da Academia de Música de Viana do Castelo, o segundo Seminário de Música Electroacústica orientado por Daniel Teruggi. A avaliar pelas fontes disponíveis, o Seminário que sucedeu às Jornadas, acrescentando-lhes uma forte componente formativa, não terá tido mais do que quatro edições, a última das quais em 1987 (já em época de

⁹ Também Edgar Varèse aparece mencionado na informação sobre os mesmos dois concertos, com o seu *Poème Électronique*, mas com informação eventualmente imprecisa.

¹⁰ Entrevista a João Soeiro de Carvalho, realizada a 12 de Outubro de 2018, via skype.

Escolas Superiores com disciplina de electroacústica de frequência obrigatória para estudantes de composição).

Regressado a Portugal, Álvaro Salazar havia iniciado, em 1977, a leccionação, em regime de frequência facultativa, de aulas de Introdução à Música Concreta, no Conservatório de Lisboa. Nessa disciplina, dividia alunos com Filipe Pires, não havendo mais equipamento disponível do que um gravador de fitas: os estudos concretos eram, pois, realizados apenas por corte, colagem e montagem. Não são encontrados relatos muito precisos nem coincidentes no que ao início do ensino da electroacústica em Portugal respeita, mas pouco depois da criação desta espécie de curso livre de electroacústica, dá-se a criação das Escolas Superiores de Música, formadas em 1983 e em pleno funcionamento em 1986. Em Lisboa, a Escola Superior arranca com os cursos de Composição e de Clarinete e, logo desde o início, a música electroacústica já consta do currículo (não como mera disciplina facultativa)¹¹, começando também aqui por ser leccionada por Álvaro Salazar, que elabora o primeiro programa da mesma¹².

Embora o ensino da electroacústica comece, entretanto, a dar sinais de uma certa solidez (a solidez possível tendo em conta os meios disponíveis e o contexto em que se insere), o repertório do género está bem longe de ter, em Portugal, um espaço dedicado à sua difusão.

Ao mesmo tempo que a Universidade de Aveiro dá os primeiros passos no sentido da criação de um laboratório de música electroacústica, surge em Lisboa o primeiro festival Música Viva. Estava-se em 1992: já os *Estudos de ruídos* de Pierre Schaeffer (1948) somavam quarenta e quatro anos; volvidos eram trinta sobre a pioneira experiência de Cassuto, em Portugal. E se o festival Música Viva atravessou um período de inactividade, certo é que a Fundação Calouste Gulbenkian não chegou a criar nenhum programa exclusivamente dedicado à música electroacústica (que, de resto, praticamente não tinha expressão nas suas temporadas, exceptuando os momentos de grande espectacularidade, com

¹¹ Conforme entrevista a António Sousa Dias.

¹² Quando Salazar restringe a sua actividade de docente ao Conservatório de Lisboa e à Escola Superior de Música do Porto, Amílcar Vasques Dias (1945) assume a disciplina de electroacústica (em 1988), sucedido pouco tempo depois por António Sousa Dias.

processamento em tempo real, da responsabilidade do IRCAM – Institut de Recherche et Coordination Acoustique/Musique, Paris– ou a vinda de um génio criativo como Karlheinz Stockhausen, quase sempre circunscritos aos saudosos Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea) e, com a natural extinção das Jornadas Internacionais de Música Electroacústica de Viana do Castelo, Portugal vivia a estranha situação de começar a ter meios para a produção electroacústica, sem qualquer espaço dedicado à sua apresentação.

Recorde-se que, embora não tenham decorrido ainda vinte anos, no início deste milénio a internet estava bem longe de ser mar de informação a que hoje acedemos deslizando a ponta de um dedo sobre o telefone.

Quando, em 2001, foi elaborado o esboço inicial do que viria a ser o primeiro festival de música electroacústica de Aveiro, a realidade da cidade espelhava o que se vivia no resto do país. Tirando o festival Música Viva (que em 1999 retomara actividade) e algumas manifestações avulsas que ocorriam no âmbito de outros eventos – como as Jornadas Nova Música (Aveiro, 1997-2001, dedicadas à música contemporânea em geral, ou o Olhares de Outono (criados na Universidade Católica do Porto, em 2000), dedicado a artes digitais – a audição de música electroacústica não era possível senão através dos poucos registos discográficos disponíveis na altura, que retratavam as obras em sofrível estereofonia.

O profundo desprezo a que o repertório electroacústico se via votado por parte dos programadores de música e das instituições de produção cultural reflectia um problema maior: um total desconhecimento (ou uma rejeição e deliberada ignorância), não apenas no seio das escolas de música, mas mesmo entre os músicos com actividade (e responsabilidade) profissional.

Por outro lado, os programas da disciplina de História da Música, ministrada nos conservatórios e academias anteriormente à criação da disciplina de História da Cultura e das Artes¹³, versavam muito mais a música cujas fontes nos não

¹³ O Ministério da Educação, através da Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, homologa em Setembro de 2004 o programa da disciplina de História da Cultura e das [12]

permitem ter uma noção muito próxima de como ela soaria, do que propriamente o repertório com menos de 100 anos. No ensino superior, o panorama não era muito diferente: era possível (e muito provavelmente ainda o será) concluir-se uma licenciatura em Música (ou em Ensino de Música e mesmo de Composição!) sem se ter ouvido, uma vez que fosse, as mais incontornáveis obras do grande repertório electroacústico. Era (e infelizmente ainda é) natural não se saber distinguir os conceitos de Música Concreta de Música Electrónica, ou de Música por Computador. A não observação nas escolas de princípios que valorizassem, junto dos jovens músicos em formação, o conhecimento e a vivência da contemporaneidade musical conduziam à perpetuação de um alheamento do mundo, em especial da criação musical e artística.

A “nova disciplina” de História da Cultura e das Artes incluía já, no seu programa, uma unidade de “Música Electrónica”, no âmbito do nono dos dez módulos (A Cultura do Cinema) em que os conteúdos programáticos são divididos, contemplando assim uma referência aos clássicos da Música Concreta e da Música Electrónica¹⁴. Porém, a possibilidade de mudança que a (teórica) integração destes conteúdos programáticos no currículo da disciplina representa esbarra na inexistência de eventos que traduzam a importância prática das novas abordagens (novos meios, novas músicas) no mundo da criação.

É verdade que as instituições começam a dar sinais de uma consciencialização relativamente à importância de integrar na sua programação alguma (ainda que residual) oferta na área da “música contemporânea”. No entanto, não só as escolhas programáticas acabam por recair num círculo de facilitismo (partituras

Artes, a qual deveria integrar os planos curriculares dos Cursos Científico-Humanísticos de Artes Visuais e de Línguas e Literaturas (11º e 12º anos) e os Cursos Artísticos Especializados de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro (do 10º ao 12º anos de escolaridade). Longo caminho haveria de ser percorrido até à publicação da Portaria nº 243-B/2012, que define o regime de organização e funcionamento, avaliação e certificação dos cursos secundários artísticos especializados de Dança, de Música, de Canto e de Canto Gregoriano e que aprova os respetivos planos de estudos ministrados em estabelecimentos de ensino público, particular e cooperativo, definindo a carga horária da disciplina no curso secundário artístico especializado de música em três tempos lectivos semanais, ao longo dos três anos da disciplina.

¹⁴ Incluía-se ainda, no mesmo documento e para o tronco comum, a referência ao “Caso Prático” de Emmanuel Nunes e a sua obra *Lichtung II*, combinando execução instrumental com o recurso a electrónica ao vivo, com processamento em tempo real.

recentemente escritas, por vezes até encomendadas, mas com uma linguagem musical fortemente conservadora, que melhor se adequa aos hábitos de um público desatento e desinformado), como a electroacústica permanece ausente nas mais destacadas salas de concertos.

Evidentemente, cada vez mais, compositores e curiosos são atraídos para a utilização do computador na produção de música electroacústica e arte sonora, chegando a prática criativa com recurso aos meios electroacústicos a ser mais frequente até em campos que não o da música de tradição erudita.

Também não é de descuidar a importância de projectos entusiastas como o itinerante festival DME (Dias de Música Electroacústica), mais assente numa lógica de criar condições mínimas para que música aconteça (com um importantíssimo papel na conquista de um público crescente e diversificado) do que na definição de linhas programáticas que valorizem a criação de excepção.

Em Aveiro, a apresentação pública de música recorrente a meios electroacústicos encontrava-se, desde 2002, circunscrita à Universidade. Já no final de 2016, alguns projectos de proveniências diversas (e exteriores ao mundo dos estúdios académicos) começam a ser apresentados na VIC // Aveiro Arts House (aberta em Julho de 2016).

Após a realização de concertos avulsos de música mista, o novo compromisso da Arte no Tempo com a programação em música electroacústica surge no momento em que impulsiona a criação do primeiro congresso Electroacoustic Winds, realizado em Aveiro, em Setembro de 2015. A realização regular de actividades de divulgação musical, desde 2013, no espaço do Museu Arte Nova conduz à possibilidade de uma extensão dessa ocupação para a realização de concertos.

1.2. Construção e Implementação do projecto Aveiro_Síntese

1.2.1. Aveiro_Síntese 2002

Surgido em 2002 como uma concisa resposta às dificuldades inerentes à realização de um ciclo de concertos de música electroacústica dispersos pela temporada, o 1º festival Aveiro_Síntese caracterizou-se por uma programação desenvolvida com base em linhas muito claras, que ainda hoje se revelam pertinentes: cada concerto propunha a escuta de um obra de referência, uma obra de autor português e uma selecção de peças elaborada por alguém convidado a partilhar as suas escolhas (um compositor ou alguém associado a um estúdio internacional). Apesar do modelo de programação ter sido muito bem recebido por um conjunto de relevantes personalidades no panorama internacional da música electroacústica, a segunda edição do Aveiro_Síntese não chegou a realizar-se em 2003, por falta de financiamento. Ficou, assim, por acontecer o encontro em Aveiro dos três grandes gurus da música por computador – Max Mathews (1926-2011), John Chowning (1934) e Jean-Claude Risset (1938-2016) – bem como a visita do britânico Jonathan Harvey (1939-2012).

1.2.2. 2016: ano zero das bienais

Já só em 2016 se recuperaria a prática de juntar em concerto “clássicos”, contemporâneos portugueses e selecções musicais elaboradas por diferentes convidados. Conforme referido no sítio electrónico da associação (criada em 2002 precisamente para prover o Aveiro_Síntese de um representante legal), “a presença da Arte no Tempo (tornada hábito) em actividades no Museu Arte Nova, a realização de alguns concertos e colaborações fora da cidade e, por fim, a concretização (em Setembro de 2015) do desejo de reunir em Aveiro os antigos convidados (ainda vivos) abriram caminho para o regresso a este espaço de

vivência da música electroacústica, cuja ausência, no contexto em que se insere, nunca deixou de se fazer notar.”

A recuperação desse antigo projecto – “que associa a cidade a um meio em permanente expansão e cujas fronteiras de género se afiguram cada vez mais ténues” – foi feita de forma muito modesta. Não foram já os onze concertos de 2002 (nove de tradição erudita e dois mais experimentais), mas apenas cinco, dois dos quais “repetidos em diferentes cidades, corroborando a urgência do estabelecimento de redes de circulação para propostas que escapam à cultura de massas¹⁵.”

O Aveiro_Síntese 2016 (5 a 9 de Abril) manteve “o compromisso com o grande repertório electroacústico (paradoxalmente pouquíssimo divulgado numa era em que a tudo se acede facilmente) e com a música de autores portugueses (agora reforçada com a abertura de uma janela para o trabalho daqueles que se encontram ainda em formação)¹⁶” [janela essa que se concretizava através da implementação da recém-criada rubrica “música em criação”, que apelava à participação de jovens compositores]; mas incluiu também “a possibilidade de englobar novos formatos, como a realização de concertos monográficos”. O convidado da segunda edição do Aveiro_Síntese foi o britânico Michael Edwards que, vários anos após a sua estada em S. Francisco, onde estudou com John Chowning, visitou pela primeira vez Portugal na qualidade de compositor. Foi à sua música que foi dedicado o último concerto do Aveiro_Síntese 2016, com a participação de intérpretes portugueses em peças para instrumento solo e electrónica.

Também o trio Ruído Vermelho se estreou em Portugal por essa ocasião, numa digressão organizada pela parceria Arte no Tempo / Atelier de Composição (que no ano seguinte promoveria a bienal Reencontros de Música Contemporânea).

Procurando aproximar o público dos criadores, à semelhança da edição de 2002, também na de 2016 alguns compositores foram convidados a partilhar ideias

¹⁵ Conforme sítio electrónico da Arte no Tempo: apresentação da segunda edição do Aveiro_Síntese (2016).

¹⁶ Idem.

sobre as obras, mas agora sob a forma de entrevista, com um tom menos académico ou de especialista, promovendo um ambiente mais propício à intervenção do próprio público. Foram ouvidos Luís Antunes Pena e Pedro Junqueira Maia na primeira sessão pré-concerto (5 de Abril), seguidos de Michael Edwards (6 de Abril; a propósito de Chowning e do programa de um dos concertos), de jovens compositores portugueses seleccionados no âmbito da rubrica “Música em Criação” (7 de Abril), de Ricardo Guerreiro (8 de Abril) e, por fim, novamente Edwards sobre a sua própria música (9 de Abril).

A maior novidade da proposta do Aveiro_Síntese 2016 consistia numa actividade dirigida a “não-músicos”. Se o Aveiro_Síntese 2002 incluía um seminário de composição, a edição de 2016 juntava a essa proposta para participantes iniciados (desta vez orientada por Michael Edwards) uma oficina para escolas do 1º ciclo. A oficina “Sentidos do som” não chegou, porém, a realizar-se, por falta de inscrições. Tal deveu-se certamente ao deficiente investimento feito na comunicação do evento (perfeitamente justificável pela reduzidíssima estrutura da organização e do elevado número de tarefas a que a produção do festival obrigava).

Em tom de manifesto, o mesmo texto de apresentação constante do sítio electrónico da Arte no Tempo refere-se da seguinte forma ao retomar do projecto: “periódico ou irregular, reproduzindo o modelo original ou adaptando-se ao tempo e espaço que acompanha, deseja-se que o regresso do Aveiro_Síntese contrarie a tendência efémera de todos os projectos que, dirigindo-se a todos, por poucos são procurados.” Esse desejo tinha implícita a ideia de transformar o projecto numa bienal, fazendo-a intercalar com uma outra, mais abrangente, em que a electroacústica se manifestaria menos presente do que a música instrumental – os Reencontros de Música Contemporânea (anos ímpares).

1.2.3. 2018: novas respostas a velhos problemas

É precisamente após a primeira edição dos Reencontros de Música Contemporânea (2017), no Teatro Aveirense, que o Aveiro_Síntese é acolhido no

mesmo equipamento cultural. A estratégia, então, será a de, não descurando numa programação exigente que permita satisfazer também as necessidades de um público iniciado, apostar numa melhor comunicação e no envolvimento de diversos potenciais novos públicos, procurando, com isso dar resposta a diferentes problemas, sistematicamente identificados e, de certa forma, indissociáveis uns dos outros.

Assinalou-se como um dos elementos mais adversos à produção de música electroacústica a escassez de público (ainda que nos Reencontros de Música Contemporânea se tivesse verificado uma extraordinária afluência nos momentos em que a interpretação estava a cargo de crianças e jovens estudantes do ensino artístico especializado de música). Constantou-se também que é ainda bastante reduzido o número de músicos disponíveis para interpretar e/ou com conhecimento do repertório e da tecnologia associada à música mista. Deduziu-se que a falta de formação e de interesse por parte dos músicos decorre, naturalmente, da falta de conhecimento (e interesse) por parte dos professores, que apenas em casos residuais terão sido estimulados a confrontar-se com a prática de música electroacústica. A somar à falta de público, de músicos e de professores devidamente preparados, verificou-se a dificuldade de colocar os jovens em formação em contacto com a prática de música mista, face à inexistência de repertório dedicado e adequado aos diferentes graus de evolução técnica e artística dos alunos.

Apesar de poder ser descrita como uma “solução integrada”, a resposta ao conjunto de problemas identificados não resulta numa total reversão dos mesmos, devendo ser entendida como uma estratégia a concretizar de forma continuada.

1.2.4. Nova Música para Novos Músicos

Perseguindo-se o ideal de que o contacto com a música transforma o ser humano, tornando-o mais completo e empático – quer promovendo as suas competências de executante, quer estimulando a sua criatividade e conferindo-lhe [18]

ferramentas para desenvolver uma escuta mais consciente – procurou-se diferentes soluções que pudessem dar resposta a um problema complexo que envolvia, por um lado, a necessidade de captação de públicos, por outro, a necessidade de formar músicos mais preparados e exigentes, também eles estimulados para a interpretação (e escuta e criação) de nova música.

Cientes de que os alunos dos conservatórios e academias de música portugueses raras vezes eram confrontados com repertório verdadeiramente novo – sendo o critério de “música contemporânea”, quando existente, preenchido com o estudo de obras compostas no século XX, mas com estéticas em tudo conservadoras – entendeu-se que uma das formas mais urgentes de actuar na divulgação da nova música passava pela promoção do contacto desses jovens músicos em formação com a música do seu próprio tempo.

A par da divulgação de repertório e da vivência e fruição musical, encontrámos, portanto, a necessidade de criar repertório que permitisse aos estudantes de música um contacto precoce com as diversas técnicas e estéticas da criação musical sua contemporânea. A resposta a esta necessidade é complexa e envolve agentes diversos, tocando simultaneamente na solução para outros problemas (como a necessidade de incentivos à criação, a captação do interesse da classe docente e de novos públicos).

Procurou-se, então, obter os meios necessários à realização de encomendas a diversos compositores, de peças para instrumento solo e electrónica, para qualquer nível de ensino, da Iniciação ao Secundário, com especial incidência no ensino básico, ou seja do 1º ao 12º anos de escolaridade (6 a 17 anos), privilegiando os 5º a 9º anos (1º a 5º grau, ou 10 a 14 anos).

Para os Reencontros de Música Contemporânea (1997), a Arte no Tempo e o Atelier de Composição haviam já desafiado um conjunto de compositores a escrever para os mesmos instrumentos para os quais Filipe Pires (1934 – 2015) havia composto as suas *Figurações*¹⁷, procurando homenagear o compositor

¹⁷ Conjunto de 9 peças compostas por Filipe Pires (das quais, oito para instrumento solo, e uma para dois pianos), que testemunham o tratamento que o compositor dá a diversas técnicas, do

recentemente desaparecido e, simultaneamente, trazer jovens estudantes de música a participar num evento que se pretende, para estes, revelador de alguma modernidade.

Dando continuidade ao trabalho iniciado em 2017, a Arte no Tempo desafiou um novo conjunto de compositores a escrever, para 2018, novas peças para instrumento solo e electrónica, destinadas à maioria dos restantes instrumentos que não tinham sido alvo de utilização no concerto de estreias dos Reencontros de Música Contemporânea. Assim, convidou-se Pedro Bento, Paulo Ferreira Lopes, António Chagas Rosa, Mariana Vieira, Luís Antunes Pena, Virgílio Melo, Ângela Lopes, Tiago Lestre, Diogo Novo Carvalho e Clotilde Rosa a compor, resultando peças, respetivamente, para trompa e electrónica sobre suporte, trompete e electrónica em tempo real, trombone e electrónica sobre suporte, eufónio e electrónica sobre suporte, acordeão e electrónica em tempo real, violino e electrónica em tempo real, viola e electrónica sobre suporte, violoncelo e electrónica sobre suporte, contrabaixo e electrónica sobre suporte e, finalmente, oboé e electrónica sobre suporte.

A obtenção de um apoio da Direcção Geral das Artes permitiu retribuir muito modestamente cada um dos compositores, assim como disponibilizar apoio na informática musical a compositores que, por norma, não recorrem à utilização de eletroacústica nas suas obras e, ainda, encomendar uma obra para conjunto instrumental e electrónica (à jovem compositora Mariana Vieira), que haveria de ser preparada em estágio, reunindo parte dos alunos que realizariam a estreia das peças para instrumento solo e electrónica.

O primeiro passo para a criação de repertório estava dado. Porém, a existência de novas obras adequadas ao grau de evolução técnica e artística dos alunos não seria ainda suficiente para garantir que os alunos pudessem aceder-lhes. A questão do acesso às obras assemelhava-se de importância equivalente à sua criação. Para tal, no âmbito da mesma candidatura ao apoio da Direcção Geral das Artes, foi previsto um trabalho de edição e publicação, com distribuição de

serialismo à obra aberta. São esses instrumentos: 1. Flauta; 2. Piano; 3. Dois pianos; 4. Harpa; 5. Saxofone; 6. Marimba; 7. Guitarra; 8. Fagote; 9. Clarinete.

uma versão impressa pelas bibliotecas dos conservatórios e academias portuguesas da colectânea a que se deu o título “Nova Música para Novos Músicos”, a qual estaria também disponível em ficheiro electrónico para descarga gratuita no sítio electrónico da Arte no Tempo (tanto partitura como ficheiro(s) referente(s) à parte electrónica)¹⁸.

Mesmo assim, era necessário não só pôr os alunos e os professores em contacto com as novas peças, mas também incentivá-los a prepará-las. Nuns casos através das Direcções Pedagógicas, noutros em contacto directo com os próprios docentes, diferentes alunos foram convidados a apresentar em estreia absoluta novas peças para instrumento solo e electrónica, mas também uma peça para conjunto instrumental e electrónica, no âmbito de um evento em cujo cartaz figurariam músicos profissionais e que teria lugar num teatro municipal.

Para a preparação dos alunos, os próprios professores de instrumento de cada um dos participantes foram confrontados com as novas peças, explorando-as e colocando algumas questões a propósito das mesmas. Alguns desses professores nunca antes tinham trabalhado qualquer peça com electroacústica e a reacção da maioria acabou por ser muito positiva. Numa das escolas que colaboraram no projecto¹⁹, o Director Pedagógico salientou a importância do desenvolvimento deste trabalho com os alunos, lamentando o facto de, no seu período de formação, não ter tido a mesma oportunidade.

Uma consequência muito positiva do mesmo projecto foi o interesse revelado por alguns professores de instrumento, alguns dos quais pediram mais informação sobre outras obras para eles próprios estudarem de forma a poderem apresentá-las em concerto.

¹⁸ Aguardando-se a recepção da versão revista de uma das peças, a colectânea não está ainda disponível, tendo, no entanto, todas as peças sido estreadas, assim como tocadas em audições e oficinas realizadas em diversos conservatórios e academias ao longo de 2018.

¹⁹ Foram parceiras do projecto, na edição de 2018, nove escolas do ensino artístico especializado da música e uma escola profissional: as Academias de Música de Arouca, de Vilar do Paraíso e de Lagos, as Escolas Artística do Conservatório de Música de Aveiro Calouste Gulbenkian, Artística de Música do Conservatório Nacional, Profissional de Música de Espinho, de Música de N^a Sra do Cabo e de Música de S. Teotónio, assim como os Conservatórios Regional de Castelo Branco e de Música de S. José da Guarda.

Outra consequência relevante é o incentivo à criação por parte de compositores portugueses, embora deva aqui ser referido que o contributo dos mesmos é bastante superior à retribuição financeira auferida. Em todo o caso, todos os compositores envolvidos estão cientes das circunstâncias em que o projecto é desenvolvido e, compreendendo a sua pertinência, desempenham empenhadamente a sua função, na maior parte dos casos, inclusivamente, trabalhando mesmo com os alunos num ensaio que precede a estreia.

Embora as peças sejam todas preparadas com os professores de instrumento, muitos dos alunos chegaram ao estágio “Nova Música para Novos Músicos” (realizado nos dias 13, 14, 17 e 18 de Fevereiro de 2018, no Teatro Aveirense²⁰) sem ter tocado com electrónica. Os casos em que isto acontece estão relacionados com a ausência de meios técnicos nas escolas para a realização deste tipo de trabalho. Refira-se que, no caso das peças com electrónica sobre suporte fixo, a tarefa está bastante facilitada, pois, ainda que as condições não sejam boas, qualquer telemóvel pode reproduzir um ficheiro de som, ajudando a conhecer a electrónica e sincronizar a execução instrumental com a mesma. Já em peças que recorram a electrónica em tempo real, a necessidade de utilização de um computador com o *software* adequado e do equipamento de som que permita emitir o som processado nem sempre é satisfeita, quer na escola, quer em casa dos alunos. Daí que, mesmo para as peças para instrumento solo e electrónica, a realização de um estágio de interpretação seja fundamental, quer para a formação do aluno, quer para uma boa preparação das peças a interpretar em concerto.

Paralelamente ao projecto “Nova Música para Novos Músicos”, destinado a alunos do ensino artístico especializado de música, outros projectos são desenvolvidos com vista à integração de jovens músicos na bienal Aveiro_Síntese. Um deles é a integração da rubrica “Música em Criação”, com a qual se cria espaço para a interpretação de peças de jovens compositores (a frequentar o ensino superior ou com a sua formação concluída há menos de dois

²⁰ O concerto das estreias teve lugar no mesmo dia 18 de Fevereiro de 2018.

anos) por parte de jovens intérpretes escolhidos pelos próprios. As peças são submetidas pelos seus autores a uma selecção, em resposta a uma chamada publicitada no sítio electrónica da Arte no Tempo e nas redes sociais, da responsabilidade da direcção da própria Arte no Tempo, baseando-se na qualidade da escrita musical, no interesse da música e na exequibilidade das mesmas (ou adequação da peça ao espaço e contexto).

No caso particular da edição de 2018 do Aveiro_Síntese, também uma chamada de estudos de música concreta dirigida a alunos de conservatórios e academias resultou num concerto em que os alunos da disciplina de Análise e Técnicas de Composição (raras vezes confrontados com a electroacústica) partilharam os seus trabalhos com o público, dividindo o programa com Jorge Peixinho e Cândido Lima²¹.

A participação de músicos em formação no Aveiro_Síntese 2018 estendeu-se à participação de solistas e de um vasto coro da Escola Artística de Música do Conservatório de Música de Aveiro de Calouste Gulbenkian no espectáculo “Bartolomeu, o voador” – uma peça para narrador, coro infantil, instrumentos solistas e electrónica do compositor Jaime Reis, composta por encomenda da Associação Portuguesa de Educação Musical (APEM), no âmbito do projecto Cantar+, e da Arte no Tempo, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e da Câmara Municipal de Seia – na interpretação da versão integral da peça²². Pelo número de executantes envolvido, pelas características do espectáculo, e também pelo facto de o público estar a ser confrontado com uma nova versão

²¹ Concerto 3: “estudos concretos”, realizado a 17 de Fevereiro de 2018. Foram seleccionadas peças de alunos da Escola Artística do Conservatório de Música de Aveiro de Calouste Gulbenkian, do Conservatório de Música de S. José da Guarda, do Conservatório Regional de Música de Vila Real e da Escola de Música N^a Sra do Cabo.

²² Nos Reencontros de Música Contemporânea 2017, a parte de coro e electrónica havia já sido estreada, pelo coro do mesmo conservatório. O projecto foi tão gratificante para todas as partes envolvidas, que a Arte no Tempo convidou o compositor Jaime Reis a completar o seu projecto de um teatro musical, com narrador, coro infantil, instrumentos solistas e electrónica, para o Aveiro_Síntese 2018. Isso só foi possível com o apoio da Direcção Geral das Artes e da Câmara Municipal de Seia, nascendo assim a versão integral de “Bartolomeu, o voador” que, depois de uma primeira apresentação na Casa Municipal da Cultura de Seia, a 11 de Fevereiro de 2018, pelo Conservatório de Música de Seia - Collegium Musicum, a 25 de Fevereiro, os professores João Carlos Soares e Ângela Alves regressaram ao Teatro Aveirense com mais um grande grupo de alunos da Escola Artística do Conservatório de Música de Aveiro Calouste Gulbenkian, para dar vida a essa nova obra.

(mais elaborada) duma peça a que já havia parcialmente assistido, este foi dos concertos que maior entusiasmo suscitou por parte da audiência, servindo até de inspiração à programação de novas obras com recurso a coro infantil em edições futuras²³.

Acrescente-se ainda, no quadro da integração de músicos em formação no programa do Aveiro_Síntese 2018, o concerto preparado pelo Grupo de Percussão da Universidade do Minho, dirigido por Nuno Aroso, que incluiu a estreia de uma obra encomendada a Tiago Cutileiro, para sexteto de percussão e electrónica, bem como execução de uma versão recuperada de “Quattro”, de Carlos Caires, entre outras obras.

Se encararmos o envolvimento da comunidade enquanto agente criativo e *performer*, poderemos também trazer para este contexto de criação de nova música para novos músicos²⁴ o projecto comunitário “À escuta dos sonhos”, orientado por João Martins, o qual integrou alunos de duas turmas do 4º ano de escolaridade da Escola Básica de Santiago, bem como adultos do grupo D’Arte (moradores do mesmo bairro) e que obteve resultados notáveis a nível da integração e captação de públicos, ainda que programado numa perspectiva diferente das participações anteriormente referidas.²⁵

Com objectivos diferentes, este projecto trouxe ao Teatro Aveirense diversos cidadãos que nunca antes tinham entrado na principal sala de espectáculos da cidade que habitam, tanto a nível dos participantes como dos elementos do público que trouxeram como convidados. Este importante aspecto social vai ao

²³ Os Reencontros de Música Contemporânea de 2019 serão palco para a estreia de uma obra para coro infantil e orquestra de cordas de Cândido Lima, concebida em resposta ao desafio lançado pela Arte no Tempo para uma edição em que a sua música marcará forte presença. Do mesmo modo, para o Aveiro_Síntese 2020 está já prevista a composição de uma outra obra para coro infantil, por parte de outro compositor.

²⁴ Não confundir com a colectânea homónima – “Nova Música para Novos Músicos” – que respeita à criação de peças para instrumento e electrónica dedicada a alunos que estejam a seguir o estudo “formal” de música, em conservatórios e academias oficiais.

²⁵ A participação de alunos do ensino secundário, da disciplina de Análise e Técnicas de Composição, da Escola Artística do Conservatório de Música de Aveiro de Calouste Gulbenkian estava também prevista, tendo sido realizadas sessões com João Martins junto de uma dessas turmas. A ideia foi, no entanto, abandonada no decurso do projecto, sobretudo devido a dificuldades de gestão do calendário.

encontro de uma linha de acção a que se pretende dar continuidade na edição do Aveiro_Síntese de 2020 (e seguintes).

1.2.5. Novos Músicos para Novos Públicos – – Novos Públicos para Nova Música

Se as acções acima enumeradas, bem como os seus propósitos, se podem inscrever na intenção de criação de nova música para novos músicos, todas elas poderão também ser apresentadas, eventualmente até com maior propriedade, na perspectiva da formação de novos músicos para novos públicos, ou até mesmo na de formação de novos públicos para nova música.

Por um lado, é dos novos músicos agora em formação, e não sem razão, que se espera a captação de novos públicos. São eles que trazem aos concertos um público que se desloca apenas com o intuito de os ver e ouvir, e que os seguiria independentemente da música que estivessem a tocar. Sem qualquer relação prévia com a música electroacústica (ou instrumental contemporânea), são os familiares e amigos dos novos músicos aqueles que lhes dão suporte e que aplaudem entusiastas o fruto do seu trabalho, que muitas vezes reconhecem árduo. E é nessa ida do novo público a um concerto, por razões meramente emocionais, que se dá o encontro com o novo, a descoberta, uma revelação muitas vezes mais profunda do que para um público com hábitos de escuta presos ao grande repertório clássico e romântico – público este, na maior parte dos casos, munido de preconceitos castigadores que o inibem de uma real experiência de escuta.

Mencionava-se atrás uma “solução integrada” para diversos problemas, mas esta solução nada tem de elaborado. Na verdade, ao trabalhar nova música com músicos em formação, estamos não só a formar músicos como públicos (como indivíduos!), não só porque a experiência musical prepara para uma escuta mais activa e atenta (quer para aqueles que seguem uma educação musical formal, quer para os que participam activamente em projectos comunitários de natureza

[25]

musical, mesmo sem a aprendizagem da notação e de técnicas instrumentais), mas também pelo incondicional público que os jovens em formação arrastam consigo e a que muito dificilmente chegaríamos por qualquer outra via.

Estes novos músicos, para quem a criação contemporânea é apresentada com a mesma seriedade e valor que a música do grande repertório ocidental de tradição erudita, que tomam contacto com abordagens muito diversas relativamente à forma como os seus instrumentos podem ser manipulados, serão músicos que estarão sempre mais à vontade com situações novas e que melhor se adaptarão a trabalhar colaborativamente com os compositores seus contemporâneos. São eles, portanto, novos músicos para nova música, mas também novos músicos para novos públicos, pois serão eles (todos aqueles que seguirem uma actividade musical) que se apresentarão perante o público do futuro.

Por outro lado, se outros músicos, sem qualquer contacto com a electroacústica, a custo mostram interesse em conhecê-la e fruí-la, aqueles que são expostos à experiência de *performance* de música mista revelam maior abertura para a audição, fruição, consumo, desenvolvimento e estímulo à criação.

Centremo-nos agora nos públicos a que não é ministrada uma educação musical formal. Esse vasto público anónimo e por conquistar será, porventura, aquele em que mais se deverá investir, não só por ser o mais numeroso (e que, por isso, melhor poderá exigir/garantir a continuidade de uma arte musical contemporânea), mas também porque é aquele que menos provavelmente virá a tomar contacto com a música que queremos dar a conhecer se não intentarmos quaisquer acções nesse sentido.

Referiu-se acima que, no Aveiro_Síntese 2016 se preparou uma actividade para alunos do ensino regular, a qual não chegou a ter lugar por falta de público. Procurando precaver o mesmo desperdício, foi efectuado um contacto mais directo com alguns professores no sentido de promover a realização de actividades para escolas do ensino regular no âmbito dos Reencontros de Música Contemporânea (2017). Já no Aveiro_Síntese 2018 tiveram lugar actividades em Jardins de Infância e, no Teatro Aveirense, com alunos do 1º ciclo.

Já no ano lectivo de 2018/19, no âmbito de um plano estratégico mais amplo da Arte no Tempo, em que se inscreveu a linha “crescer com a música”, estão a ser realizadas oficinas experimentais no seio das próprias escolas do 1º ciclo do Agrupamento de Escolas de Aveiro (relativamente às quais já foram, entretanto, identificados aspectos a modificar no próximo ano lectivo), verificando-se uma enorme abertura por parte das crianças para ouvir e “brincar” com o som. Do projecto “crescer com a música” fazem também parte os ensaios abertos do agrupamento Ars Ad Hoc que, não contemplando música mista nesta primeira temporada, dão a escutar peças de música contemporânea em confronto com repertório clássico romântico, no contexto de apresentações informais em que há lugar para diálogo e muitas perguntas. Para um público jovem/adulto (que se tem verificado ser, efectivamente, apenas “bastante adulto”) têm sido realizadas quinzenalmente acções de audição e debate, no Museu de Aveiro / Santa Joana, em que uma figura da cidade é convidada a partilhar com os presentes uma das suas obras de eleição (quase sempre do grande repertório clássico/romântico), a que contrapomos uma obra contemporânea, estabelecendo uma ponte entre as duas e desenvolvendo uma conversa informal sobre as duas obras. Esta actividade tem atraído público que nunca frequentou os concertos promovidos pela Arte no Tempo e que se mostra agora interessado em usufruir das actividades que organizamos e, apesar de se verificar um pequeno núcleo comum a todas as sessões, há também pessoas que aparecem esporadicamente, aparecendo a cada sessão novo público que promete ficar.

Para estes públicos estão identificadas diversas acções a implementar a nível local (parte delas, como acima demonstrado, estão já em execução):

- mais concertos (bem pensados, bem construídos e preparados) com conjuntos vocais e/ou instrumentais protagonizados por jovens músicos em formação, em que o novo público funcione precisamente como público;
- mais projectos comunitários, artisticamente exigentes e reflexivos mas adequados à participação de indivíduos sem formação musical, preferencialmente integrando diferentes comunidades ou grupos sociais, de

tal modo que a experiência musical lhes confira simultaneamente um sentimento de pertença e a abertura ao novo, promovendo valores como o respeito e a tolerância;

- mais concertos comentados para turmas do ensino regular;
- mais oficinas e criação de actividades continuadas a realizar nas escolas do ensino básico regular, promovendo a exploração e compreensão do som, não só como fenómeno físico, mas também como material expressivo, em actividades que incluam sempre uma forte componente de experimentação;
- criação de um jogo interactivo que promova a literacia musical;
- mais sessões de audição e debate, para jovens e adultos, assentes em estratégias diversificadas que permitam uma constante renovação de públicos, tanto numa perspectiva informal de mediação, como procurando alimentar uma audição mais esclarecida.

Um último, mas não menos importante, aspecto a salientar entre as acções que importa levar a cabo prende-se com a formação prática de professores. Com vista à valorização dos músicos/docentes, assim como ao desenvolvimento de um ensino/aprendizagem mais consistente no domínio da prática de música mista, deverão ser realizadas acções de formação prática (ou, pelo menos, com uma componente prática mais preponderante) dedicadas a professores de instrumento. Desta forma, será mais eficaz o envolvimento de toda a comunidade educativa e os resultados da preparação dos alunos serão, certamente, mais entusiasmantes.

1.2.6. 2018: ...e as mesmas linhas orientadoras da programação

A par de uma nova resposta aos problemas identificados, manteve-se o mesmo propósito de elaborar uma programação diversificada e exigente, com algumas das mais notáveis peças históricas e a forte presença de música de autores portugueses, a maior parte delas em estreia absoluta.

Na edição de 2018 do Aveiro_Síntese, além de se integrar no programa a difusão de obras incontornáveis do grande repertório (de Chowning, Risset, Teruggi, Berio, Stockhausen, Varèse, Ligeti, Henry, Schaeffer, Spiegel, Oram, Oliveros, entre outros) e de se contar com a presença de duas figuras de extrema relevância, representantes de diferentes mundos – o grande pioneiro da música por computador, John Chowning, e o presidente cessante do Groupe de Recherches Musicales, Daniel Teruggi – a criação de mais oportunidades para os compositores portugueses foi outra das grandes preocupações em que assentou a programação. Das 71 obras dadas a ouvir no Aveiro_Síntese 2018, 33 (ca de 46%) foram obras de compositores portugueses, das quais, 16 (ca 22%) foram apresentadas em estreia absoluta, resultando de encomenda da Arte no Tempo. Das 38 peças de autores estrangeiros, 11 foram apresentadas em estreia nacional. Já das 27 peças históricas ou do “grande repertório” apresentadas no Aveiro_Síntese 2018, apenas 2 eram de autor português.

Entre as obras históricas, salienta-se o concerto “1958” em que foram difundidas obras de extraordinária importância, todas elas compostas nesse estranhamente prolífico ano.

Do pai da música concreta (Pierre Schaeffer – *Etude aux sons animés*) a um dos pioneiros da música electrónica (Karlheinz Stockhausen – *Kontakte*, para 4 canais), passou-se por obras incontornáveis como a *Thema – omaggio à Joyce*²⁶, de Luciano Berio, *Poème électronique*²⁷, de Edgar Varèse, *Concrete pH* e de Iannis Xenakis, mas também *Continuo*, de Bruno Maderna e *Artikulation*²⁸, de György Ligeti (também já apresentada nas Jornadas Nova Música em 2000). Três destas obras haviam já sido anteriormente difundidas em Aveiro, mas da mesma forma que, a cada escuta, uma Sonata de Beethoven proporciona sempre novas leituras, também estas grandes obras não se esgotam numa primeira audição.

²⁶ Programada e difundida também no Aveiro_Síntese 2002.

²⁷ Anteriormente apresentada nas Jornadas Nova Música em 1999.

²⁸ Também já apresentada nas Jornadas Nova Música em 2000.

Na primeira edição do Aveiro_Síntese (2002), o programa dos nove concertos²⁹ respeitava escrupulosamente a estrutura de obra histórica + selecção + obra de autor português. Não esquecendo a divulgação do grande repertório e da música de autores portugueses, nos parques cinco concertos do 2º Aveiro_Síntese (2016) encontrava-se já a introdução de um concerto monográfico (com música de Michael Edwards) e de um concerto pelo trio Ruído Vermelho (que não deixava de apresentar duas obras de compositores portugueses).

Mantendo em perspectiva a necessidade de divulgar o grande repertório e de privilegiar a divulgação da música de autores portugueses, o 3º Aveiro_Síntese (2018) apresentou uma estrutura de programação bem mais aberta (e com 14 concertos), combinando concertos com obra histórica + obra portuguesa + selecção³⁰, com concertos apenas com obras históricas e música de autores portugueses (como o concerto 14), dois concertos com obras seleccionadas por convidados³¹, duplos retratos³², um concerto com uma única obra de compositor português³³, a apresentação de um projecto comunitário, o concerto “Nova Música para Novos Músicos”³⁴, o concertos dos estudos concretos, com históricos portugueses e estudos de alunos do curso secundário, e ainda o concerto com o concentrado de repertório histórico (todo ele composto em 1958).

Para a edição de 2020, além das acções de captação de públicos já mencionadas e de uma reestruturação das oficinas e audições a desenvolver paralelamente ao

²⁹ Outros dois concertos respeitavam a uma electrónica mais experimental e “alternativa”, com um horário e espaço de apresentação diferentes, sendo, portanto, encarados mais como actividade paralela, à semelhança do Seminário de Composição e das Sessões com compositores.

³⁰ Cf programa dos concertos c1, c5, c8 e c11 do Aveiro_Síntese 2018, em que a selecção das obras a apresentar é da responsabilidade da Arte no Tempo

³¹ Obras escolhidas por Daniel Teruggi (c9), director cessante do GRM – criado por Pierre Schaeffer e, para sempre, associado à música concreta – que nos trouxe obras extraordinárias compostas no GRM, e por John Chowning (c6), que nos trouxe um conjunto de obras de novos compositores associados ao CCRMA, que fundou.

³² Cf c7, música de Pierre Schaeffer e de Pierre Henry (“gurus” da música concreta), e c10, com música de Jean-Claude Risset e a integral da obra de John Chowning (pioneiros da música por computador).

³³ Estreia absoluta da versão integral de *Bartolomeu, o voador*, de Jaime Reis (c13).

³⁴ C4: estreia absoluta de 11 peças de compositores portugueses e estreia nacional de uma peça de conjunto de Jean-Claude Risset.

projecto “Nova Música para Novos Músicos”, manter-se-á uma preocupação com a divulgação do repertório histórico, da música de autores portugueses, da criação mais actual proveniente dos mais diversos estúdios, mas procurar-se-á também iniciar um processo de internacionalização do trabalho dos compositores portugueses. Neste sentido, foi já estabelecido o contacto com outras entidades europeias para o desenvolvimento de um projecto partilhado, do qual se pretende que resulte a circulação internacional de obras e de conhecimento. Também o importante canal de comunicação com as escolas se mantém aberto, para uma articulação cada vez mais eficaz na preparação e integração de jovens músicos na prática de música contemporânea (no caso do Aveiro_Síntese, electroacústica e mista).

À semelhança do que vem acontecendo com a bienal Reencontros de Música Contemporânea, o Aveiro_Síntese 2020 contará também com a participação da Orquestra das Beiras, contribuindo para o aumento da prática de música contemporânea junto deste agrupamento e, simultaneamente, usufruindo do seu público regular.

CONCLUSÃO

Os objectivos a que o Aveiro_Síntese 2018 se propôs foram parcialmente atingidos. Se é verdade que foi feito um grande investimento em novas estratégias para chegar a mais e diferentes públicos (e, nesses casos, o resultado foi largamente recompensador, embora, mesmo aí, estejam já a ser implementadas novas abordagens que se pretendem ainda mais eficazes), não é menos verdade que o público geral (aquele mais distante, sem qualquer relação, directa ou indirecta, com o projecto comunitário ou com a participação de jovens músicos nas actividades da bienal) raramente foi encontrado na plateia. Se é também verdade, que a reacção dos músicos e professores envolvidos, assim como das famílias daqueles que participaram na bienal, foi bastante positiva, a verdade é que, por falta de recursos, não foi feito um forte investimento na comunicação.

Importa trabalhar incessantemente na captação de novos públicos, assim como na formação (cada vez mais séria e exigente) de novos músicos (jovens, como docentes), promovendo oportunidades para a criação contemporânea.

O projecto será francamente bem sucedido quando, em concertos com um invejável programa (como foi “1958” do Aveiro_Síntese 2018), não ficar um único lugar por preencher na plateia, mas também quando um jovem (ou menos jovem) desorientado encontra na criação/performance/fruição de música contemporânea um verdadeiro sentido.

Rumo à edição de 2020, importa desenvolver um trabalho de formação de músicos (de professores, mas também de jovens, através de acções de formação creditadas para os primeiros e de oficinas práticas para os últimos); continuar a incentivar a criação musical contemporânea (através da realização de encomendas e do incentivo ao trabalho colaborativo com intérpretes, mas também no investimento da formação de jovens compositores); procurar realizar concertos com maior regularidade (não apenas no âmbito das bienais); continuar a incentivar a participação de jovens (estudantes de música ou não), através da criação de obras pensadas para tal e de projectos comunitários, bem como da [32]

preparação da performance por músicos capazes e exigentes; continuar a investir na formação de públicos através da realização de acções continuadas nas escolas do ensino regular, explorando as capacidades expressivas e desenvolvendo uma escuta activa junto do público escolar.

BIBLIOGRAFIA

HENRIQUES, T. (2010) “Música electrónica.” In *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Vol. 3. CASTELO BRANCO, S. (dir). Lisboa. Círculo de Leitores.

LIMA, C. (2003) *Origens e Segredos da Música Portuguesa Contemporânea - Música em Som e Imagem*. Porto. Instituto Politécnico do Porto.

MAIA, P. J. (ed) (2002) *Cândido Lima*. Porto. Ed. Atelier de Composição.

MAIA, P. J. (ed) (2014) *Álvaro Salazar*. Porto. Ed. Atelier de Composição.

MAIA, P. J. (ed) (2017) *Filipe Pires*. Porto. Ed. Atelier de Composição.

MARTINGO, A. (2011) *Contextos da Modernidade*. Porto. Ed. Atelier de Composição.

TEIXEIRA, C. D. (2006) *Música, estética e sociedade nos escritos de Jorge Peixinho*. Lisboa. Ed. Colibri.

WEBGRAFIA

Sítio electrónico <http://ernestodesousa.com/> consultado em Outubro de 2018.

ENTREVISTAS REALIZADAS

FERREIRA, D. e BENTO, P. (2017) Entrevista a Cândido Lima: “Primeiros passos da electroacústica em Portugal.” Inédita, realizada no Porto a 11 de Julho de 2017.

FERREIRA, D. e BENTO, P. (2017) Entrevista a Álvaro Salazar: “Primeiros passos da electroacústica em Portugal.” Inédita, realizada no Porto a 20 de Julho de 2017.

FERREIRA, D. (2017) Entrevista a Álvaro Cassuto: “Contacto pessoal com a música electroacústica.” Inédita, realizada em Alcabideche a 18 de Julho de 2017.

FERREIRA, D. (2017) Entrevista a António de Sousa Dias: “Os primórdios da electroacústica em Portugal: memória e contextos” Inédita, realizada em Lisboa a 19 de Março de 2017 e 25 de Julho de 2017.

FERREIRA, D. (2018) Entrevista a João Soeira de Carvalho: “As Jornadas internacionais de música electroacústica de Viana do Castelo” Inédita, realizada a 12 de Outubro de 2018, via skype.

OUTRAS FONTES

- base de dados do Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian, realizada em 2007 e fornecida pelo mesmo em Setembro desse ano.

ANEXO I

Aveiro_Síntese 2002

1º festival internacional de música electroacústica

16 a 22 de Julho de 2002

Centro Cultural e de Congressos de Aveiro

Grande Auditório

dia 16, segunda-feira

18h00 | Sessão pública com o compositor Miguel Azguime

19h00 | Concerto I | com Philipp Kolb, trompete

- o obras de Pierre Schaeffer, Filipe Pires e de jovens compositores portugueses

Philipp Kolb > trompete

Programa:

- Pierre Schaeffer | *Quatre études de bruits* ¹⁾ (1948, rev. 1971)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 12'
- Filipe Pires | *Litania* ²⁾ (1972)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 14'
- Diana Ferreira | *Moldura II* (1998)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 8'
- Luís Pena | *Klangspiegel* ³⁾ (2002)
trompete e electrónica sobre suporte, 4 canais, ca 20'

¹⁾ peça histórica

²⁾ peça portuguesa

³⁾ estreia absoluta

22h00 | Concerto II | com Miguel Azguime

- o obras de Luciano Berio, Miguel Azguime e selecção elaborada por Miguel Azguime (Miso Music Portugal)

Miguel Azguime, voz e percussão

Perseu Mandillo, assistente musical

Ágata Mandillo, difusão sonora

Técnica Miso Studio

Programa:

Parte I

- Luciano Berio | *Thema*, omaggio a Joyce ¹⁾ (1958)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 6'
- Trevor Wishart | *American Triptych* ³⁾ (1999)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 15'

Parte II

- Miguel Azguime | O ar do texto opera a forma do som interior ²⁾ (2001/02)
poesia sonora, electrónica em tempo real, 6 canais, ca 35'

¹⁾ peça histórica

²⁾ peça portuguesa

³⁾ peça escolhida por Miguel Azguime

23h45 | Concerto nocturno I | @c + lia
[espaço Olaria]

dia 17, quarta-feira

18h00 | Sessão pública com o compositor Luís Antunes Pena

22h00 | Concerto III

- o obras de Karlheinz Stockhausen, Emmanuel Nunes e selecção elaborada por Emmanuel Nunes

Programa:

Parte I

- Karlheinz Stockhausen | *Telemusik*¹⁾ (1966)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 17' 30"
- Luciano Berio | *Visage*³⁾ (1961/81)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 21'

Parte II

- Emmanuel Nunes | *73 – Öldorf – 75*²⁾ (1973/75)
electrónica sobre suporte, 6 canais

¹⁾ peça histórica

²⁾ peça portuguesa

³⁾ peça escolhida por Emmanuel Nunes

dia 18, Quinta-feira

18h00 | Sessão pública com o compositor João Rafael

22h00 | Concerto IV

- o obras de Herbert Eimert, João Rafael e selecção elaborada por Folkmar Hein (TU-Berlin – Alemanha)

Programa:

Parte I

- Hans Tutschku | *Eikasia*³⁾ (1999)
electrónica sobre suporte, 8 canais, 12' 15"
- Ludger Brümmer | *Inferno der Stille*³⁾ (2000)
electrónica sobre suporte, 8 canais, 23' 30"

Parte II

- Wilfried Jentsch | *Paysages lointains*^{3) 4)} (2000)
electrónica sobre suporte, 4 canais, ca 12'
- João Rafael | *Ombres Croisées*²⁾ (1990/98)
electrónica sobre suporte, 8 canais, 20' 20"

Parte III

- André Ruschkowski | *Cento*³⁾
electrónica sobre suporte, 2 canais, 08' 03"
- Ralf Ollertz | *Pyrócuca*^{3) 4)} (1994)
electrónica sobre suporte, 2 canais, 07' 35"
- Herbert Eimert | Epitaph Für Aikichi Kuboyama¹⁾ (1962)
para electrónica sobre suporte, 4 canais, 23' 20"

- 1) peça histórica – difusão de João Rafael
 2) peça portuguesa
 3) selecção elaborada por Folkmar Hein [TU-Berlin, Alemanha]; peças em primeira audição em Portugal
 4) primeira audição em Portugal

dia 19, Sexta-feira

18h00 | Sessão pública com o compositor João Pedro Oliveira

19h00 | Concerto V | com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa
 ○ obras de Bruno Maderna, João Pedro Oliveira e selecção de Maria Cristina De Amicis
 (Istituto Gramma – Itália)

Grupo de Música Contemporânea de Lisboa [GMCL]
 Carlos Franco > direcção

Programa:

Parte I

- Bruno Maderna | *Dimensioni II – Invenzione su una voce* ¹⁾ (1960)
electrónica sobre suporte, sobre a voz de Cathy Berberian, 2 canais, ca 11'
- Maria Cristina De Amicis | *La voce del poeta* ³⁾ (2002)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 8'
- Antonio Doro | *A VY (...) Ma Noi Potremmo?* ³⁾ (1996, rev. 2002)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 7'

Parte II

- Andrea Nicoli | *Strati Sottili – Infranti – Muovono* ³⁾ (2000)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 6'
- Michelangelo Lupone | *Forma del respiro* ³⁾ (1993)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 8'
- João Pedro Oliveira | *Íris* ²⁾ (2001)
clarinete, piano, violino, violoncelo e electrónica sobre suporte, 2 canais

- 1) peça histórica
 2) peça portuguesa
 3) selecção elaborada por Maria Cristina De Amicis [Istituto Gramma – Itália]; peças em primeira audição em Portugal

22h00 | Concerto VI | com Henk van Twillert, saxofone barítono
 ○ obras de John Chowning, Isabel Soveral e selecção elaborada por John Chowning
 (CCRMA – EUA)

Programa:

Parte I

- Michael McNabb | *Dreamsong* ³⁾
electrónica sobre suporte, 4 canais, 9'20"
- Gareth Loy | *Nekia* ³⁾ (1979)
electrónica sobre suporte, 4 canais, ca 10'

- John Chowning I *Turenas* ¹⁾ (1972)
electrónica sobre suporte, 4 canais, ca 10'

Parte II

- Michael McNabb I *Mars Suite* ³⁾
electrónica sobre suporte, 4 canais, ca 15'
- Isabel Soveral, *Anamorphoses VI* ²⁾ (2000/2001)
saxofone e electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 10'

¹⁾ peça histórica – primeira audição em Portugal

²⁾ peça portuguesa – primeira audição em Portugal

³⁾ selecção elaborada por John Chowning [CCRMA – Stanford, EUA]; peças em primeira audição em Portugal

dia 20, sábado

18h30 I Sessão pública com o compositor António de Sousa Dias

22h00 I Concerto VII

- obras de Pierre Henry, António Sousa Dias e selecção elaborada por Jean-Claude Risset (CNRS – França)

Programa:

Parte I

- Daniel Teruggi I *Fugitives voix* ^{3) 4)} (1997)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 17'
- António de Sousa Dias I *Quand trois poules vont au champ* ²⁾ (2002)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 6'

Parte II

- Georges Boeuf I *Pluie d'or* ^{3) 4)} (1987)
electrónica sobre suporte, 2 canais, 8'40"
- Horacio Vaggione I *Préludes suspendus* ³⁾ (2000)
electrónica sobre suporte, 4 canais, 9'50"
- Pierre Henry I *Le Voile d'Orphée* ¹⁾ (1953)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 15'30"

¹⁾ peça histórica

²⁾ peça portuguesa

³⁾ selecção elaborada por Jean-Claude Risset [CNRS – Marselha, França]

⁴⁾ primeira audição em Portugal

dia 21, domingo

17h30 I Sessão pública com o compositor José Carlos Sousa

22h00 I Concerto VIII

- obras de Henri Pousseur, Jorge Peixinho e selecção elaborada por Godfried-Willem Raes (Stichting Logos, Bélgica)

Programa:

- Henri Pousseur I *Scambi* ¹⁾ (1957)
electrónica sobre suporte, 2 canais

[40]

- Jorge Peixinho | *Elegia a Amílcar Cabral*²⁾ (1973)
electrónica sobre suporte, 2 canais
- Godfried-Willem Raes | *Counting Down to 747*⁴⁾ (1998)
versão para electrónica sobre suporte, 2 canais, 13' 04"
- Nicholas Virgo | *Westerlies*^{3) 5)} (2000)
electrónica sobre suporte, 2 canais, 12' 03"
- Pedro Rebelo | *Forking Paths Virtual Mix 3* (1996)
electrónica sobre suporte, 2 canais, 12' 18"
- Kristof Lauwers & Laura Maes | *Kitch 'n Glitch*^{3) 4)} (2001)
electrónica sobre suporte, 2 canais, 17'

1) peça histórica

2) peça portuguesa

3) selecção elaborada por Godfried-Willem Raes [Stichting Logos – Bélgica]

4) 1ª audição em Portugal

5) estreia absoluta

dia 22, segunda-feira

17h30 | Sessão pública com o compositor Eduardo Patriarca

18h30 | Sessão pública com o compositor Pedro Rocha

22h00 | Concerto IX | com A. Pires, piano; J. Ly, soprano; C. Silva, guitarra; C. Canhoto, saxofone

- obras de Jean-Claude Risset, Pedro Rocha e de jovens compositores portugueses

Ana Pires > piano

Joaquina Ly > soprano

César Silva > guitarra

Carlos Canhoto > saxofone

Programa:

Parte I

- Elsa Filipe | *Aurius*³⁾ (2002)
guitarra e electrónica em tempo real, ca 13'
- Pedro Rocha | *Dual*²⁾ (1988, rev. 1995)
piano e electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 10'
- Jean-Claude Risset | *Inharmonique*¹⁾ (1977)
soprano e electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 14' 30"

Parte II

- Eduardo Patriarca | *Pour que une fée s'enchanter* (2002)
piano e electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 22'
- José Carlos Sousa | *Contemplação II*³⁾ (2002)
saxofone alto e electrónica sobre suporte, ca 10'

1) peça histórica, 1ª audição em Portugal

2) peça portuguesa

3) estreia absoluta

23h45m | Concerto nocturno II | Paulo Raposo; João Pinto
[espaço Olaria]

Parte I
Paulo Raposo
Parte II
João Castro Pinto

17 a 21 de Julho
Seminário de Composição por João Rafael

Aveiro_Síntese 2016

2º festival internacional de música electroacústica

5 a 9 de abril de 2016

Museu Arte Nova

piso superior

Dia 5, terça-feira

21h00 | conversa com os compositores Luís Antunes Pena e Pedro Junqueira Maia

21h45 | concerto I | Ruído Vermelho

Francesco Dillon > violoncelo

Nuno Aroso > percussão

Luís A. Pena > electrónica

Programa:

- Caspar Johannes Walter | *Studie Über Obertonspiegelungen* (2001)
violoncelo, ondas sinusoidais e copos, ca 9'
- Luís Antunes Pena | *Tracking Noise #1* ¹⁾ (2016)
sintetizador analógico (electrónica ao vivo), 2 canais, ca 8'
- Pedro Junqueira Maia | *'Xcuse me while I kiss the Sky...* (2010)
percussão e electrónica, ca 7'
- Milica Djordjevic | *Fail* ¹⁾ (2012)
violoncelo e electrónica, ca 7'
- Ruído Vermelho | *Narcissistic Rooms* ¹⁾ (2016)
improvisação para violoncelo, percussão, corpos ressoadores e electrónica ao vivo, 2 canais, ca 20'

¹⁾ estreia nacional

dia 6, quarta-feira

'O sentido do som' :: actividade para escolas

21h00 | conversa com o compositor Michael Edwards (I)

21h45 | concerto II | Chowning + Edwards + Pena

Programa:

- John Chowning | *Turenas* (1972)
electrónica sobre suporte, 4 canais, ca 10'
- Luís Antunes Pena | *Hi-Fi Noise Study – Pecking Chickens* ¹⁾ (2013)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 5'
- Michael Edwards | *jitterbug* ¹⁾ (2015)
electrónica sobre suporte, 4 canais, ca 40' 30''

¹⁾ estreia em Portugal

dia 7, quinta-feira

10h00 | Seminário com Michael Edwards

21h00 | conversa com os compositores seleccionados no âmbito do projecto 'Música em Criação'

21h45 | concerto III | Risset + 'Música em Criação' + Reis

Pedro Rocha > saxofone alto

Programa:

- Ana Catarina Barros | *Strange Dream*²⁾ (2013)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 5'30"
- Jorge Ramos | *Project 2*²⁾ (2013)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 6'
- Mariana Vieira | *Multiphonic Shaping*²⁾ (2014)
saxofone alto e electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 2'
- Hugo Paquete | *unevenness*²⁾ (2015)
electrónica sobre suporte, 4 canais, ca 20'
- Jaime Reis | *Fluxus, Lift* (2013)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 5'
- Jean-Claude Risset | *Ressonant Sound Spaces* (2002)
electrónica sobre suporte, versão para 2 canais, ca 14'40"

²⁾ peças seleccionadas no âmbito do projecto 'música em criação'

dia 8, sexta-feira

'O sentido do som' :: actividade para escola

21h00 | conversa com o compositor Ricardo Guerreiro

21h45 | concerto IV | Nono + peças do CRM + Guerreiro

Programa:

- Luigi Nono | *Omaggio à Emilio Vedova*¹⁾ (1960)
electrónica sobre suporte, 4 canais, ca 5'
- Michelangelo Lupone | *Canto di Madre*³⁾ (1998)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 7'
- Alessio Gabriele | *Unanima*³⁾ (2012)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 9'
- Laura Bianchini | *Libero Movimento*³⁾ (2012)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 8'
- Silvia Lanzalone | *eRose*³⁾ (2013)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 10'
- Ricardo Guerreiro | *Bindungen*⁴⁾ (2016)
electrónica sobre suporte, 2 canais

¹⁾ estreia em Portugal

³⁾ obra seleccionada pelo Centro Ricerche Musicali (Roma); estreia em Portugal

⁴⁾ estreia absoluta

dia 9, sábado

21h00 I conversa com o compositor Michael Edwards (II)

21h45 I concerto V I música de Michael Edwards, com Henrique Portovedo e Hugo Simões

Henrique Portovedo > saxofones

Hugo Simões > guitarra

Michael Edwards > composição e electrónica

- *anonymous obvious – aka several instrumental structures to annoy ludi* (2000)
electrónica sobre suporte, 4 canais, ca 13'
- *their faces on fire* (2013-14)
saxofone barítono e computador, ca 8'
- *thick* (1999)
electrónica sobre suporte, 4 canais, ca 11'
- *don't flinch* (2010-11)
guitarra e computador, 13'30"
- *flung me, foot trod* (1993-94)
saxofone alto e electrónica sobre suporte, 2 canais, 9'

Aveiro_Síntese 2018

bienal música electroacústica

16 a 25 de Fevereiro de 2018

Teatro Aveirense

Sala Principal, Sala Estúdio e Sub-Palco

16 a 25 de Fevereiro

MicroSonic Spaces AV, de Rui Dias [instalação audiovisual interactiva]

Sub-palco

[instalação acessível nos dias 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24 e 25, no final dos concertos com início às 21h30. Na primeira noite, o compositor apresenta a instalação, às 22h30.]

dia 16, sexta-feira

21h30 [c1] Concerto com Horácio Ferreira (clarinete)

Sala Estúdio

Horácio Ferreira > clarinete

Programa:

- Jean-Claude Risset (1938-2016) | *Attracteurs étranges* (1988)
clarinetes e sons de síntese, ca 18'
- João Pedro Oliveira (1959) | *Neshamah* (2015)
electrónica sobre suporte fixo, 8 canais, ca 12'
- Jean-Claude Risset | *Songes* (1979)
electrónica sobre suporte fixo, 4 canais, ca 9'
- Carlos Caires (1968) | *Limiar* (2002)
clarinete e electrónica em tempo real, ca 8'

dia 17, sábado

18h30 [c2] À escuta dos sonhos

Sala Principal

À escuta dos sonhos

projecto de criação comunitária dirigido por João Martins, com alunos da EB1 de Santiago, Aveiro e com o D'ARte — Projeto Artístico e Comunitário.

João Martins > concepção, dramaturgia e sonoplastia

Eunice Almeida (D'ARte) > apoio à encenação

Criadores-Intérpretes:

[4º A]

Ana Beatriz Barbosa, Ana Catarina Gaspar, Ana Catarina Ferreira, Ana Luísa Clemente, Catarina Santos, Francisco Andias, Gonçalo Maia, Guilherme Pereira, Joana Laranjeira, Jorge Melo, Joshua Pinto, Maria Martins, Mariana Pereira, Miguel Silva, Raissa Vitorino, Rúben Martins, Rúben Aguiar, Sebastião Vale, Sofia Rodrigues, Vicente Ribau

[46]

[4ºB]

Ana Rita Marnoto, Anais Itriago, André Guilherme Pacheco, Carolina Branco, Diogo Alexandre Branco, Filipe Martins, Igor Santos, Íris Koszucka, Laura Sofia Oliveira, Luís Filipe Sousa, Maria Francisca Cardoso, Mariana Bernardo, Marina Cruz, Miriam Sousa, Nathalia Santos, Rafael Alexandre Moreira, Rosa Maria Matias, Sophia Papini, Tiago Duarte Ferreira

Professoras Paula Lopes (4º A), Virgínia Almeida (4º B) e Elisabete Ribeiro (Educação Especial).

[D'ARte]

Ana Andrade, Andreia Ruela, Berta Vieira, Beatriz Dolores, Conceição Correia, Carla Adão, Tiago Silva, Susana Leite, Inês Margaça, Ana Rita Fonseca, Miriam Ferreira

21h30 [c3] Estudos Concretos
Sala Estúdio

- Jorge Peixinho (1940-1995) | *A floresta sagrada* (1992)
electrónica sobre suporte fixo, ca 13'

8 estudos concretos de alunos do ensino artístico especializado da música, todos eles nascidos no ano de 2000.

- Inês Alves (CMACG)
- Clara Paracana (CMACG)
- Manuel Nunes (CMACG)
- Hugo Xavier (EMNSC)
- Beatriz Chirife (EMNSC)
- Miguel Fernandes (CMSJG)
- Luís Lélis (CMACG)
- Alexandre Ribeiro (CRMVR)
- Cândido Lima (1939) | *Autómatos de Areia* (1978/84)
electrónica sobre suporte fixo (ca 12')

CMACG: Escola Artística do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Aveiro

EMNSC: Escola de Música Nossa Senhora do Cabo

CMSJG: Conservatório de Música de S. José da Guarda

CRMVR: Conservatório Regional de Música de Vila Real

dia 18, domingo

18h30 [c4] Nova Música para Novos Músicos
Sala Principal

Dinis Sousa > direcção

Mariana Preto [1] e Maria Milheiros [2] > flauta

Diogo Gomes [3] > oboé

Eduardo Seabra [2] > clarinete

Irina Luz [4] e Bernardo Jesus [3] > trompa

Hugo Xavier [5] > trompete

Igor Duarte [1] > trombone

Henrique Almeida [6] > eufónio

Francisco Martins [7] > acordeão

Ana Luísa Valente [4] > harpa

Ana Cláudia Oliveira [3] > guitarra
Francisco Costa [1] > piano
Vitória Relvas [2] > percussão
Inês Sequeira [8] > violino
Ana Margarida Lamelas [9] > viola
Laura Carvalho [5] > violoncelo
Gustavo Rocha [2] > contrabaixo

- [1] Escola de Música do Conservatório Nacional
[2] Escola Profissional de Música de Espinho
[3] Academia de Música de Arouca
[4] Escola Artística do Conservatório de Música de Aveiro Calouste Gulbenkian
[5] Escola de Música N.ª Sra do Cabo
[6] Academia de Música de Vilar do Paraíso
[7] Conservatório Regional de Castelo Branco
[8] Escola de Música de S. Teotónio
[9] Conservatório de Música de S. José da Guarda

alunos dos professores João Coutinho, Sandra Camarinha (fl), Ana Filipa Assunção (ob), Vitor Pereira (cl), Eddy Tauber e Natália Faria (tpa), Rui Mirra (tpt), Ismael Santos (tbn), Nelson Carvalho (tba), Carisa Marcelino (ac), Rita Campos (hrp), Luís Peres (vln), Olena Sokolovska (vla), Ricardo Mota (vcl), Tiago Pereira (cb)

Programa:

- Jean-Claude Risset (1938-2016) | *Glissements*¹⁾ (1981-82)
três instrumentos monódicos, piano (ou outro polifónico), percussão e electrónica sobre suporte fixo; aqui em flauta, clarinete, trompa, piano e percussão, ca 10'
- Tiago Lestre (1991) | *Ardente refluxo da maré*²⁾ (2017)
violoncelo e electrónica sobre suporte, ca 3'
- Pedro Bento (1962) | *Morph 1*²⁾ (2017)
trompa e sons sinusoidais, ca 2'
- Ângela Lopes (1972) | *DITTY*²⁾ (2017)
viola e electrónica sobre suporte, ca 2'
- Mariana Vieira (1997) | *Reflexo*²⁾ (2017)
eufónio e electrónica sobre suporte, ca 2'
- Diogo Novo Carvalho (1986) | *Sílabas caídas*²⁾ (2017)
contrabaixo e electrónica sobre suporte, ca 3'
- Paulo Ferreira Lopes (1964) | *Circles*²⁾ (2017)
trompete e electrónica em tempo real, ca 5'
- António Chagas Rosa (1960) | *Surf*²⁾ (2018)
trombone e electrónica sobre suporte, 1'30"
- Clotilde Rosa (1930-2017) | *A Lira de Orfeu*²⁾ (2017)
oboé e electrónica sobre suporte fixo, ca 5'
- Virgílio Melo (1961) | *Sefer*²⁾ (2017)
violino e electrónica ao vivo, ca 8'
- Luís Antunes Pena (1973) | *Duo*²⁾ (2018)
acordeão e electrónica
- Mariana Vieira | *Movimentos flutuantes*²⁾ (2017)
12 músicos e electrónica em suporte fixo, ca 8'

¹⁾ estreia nacional

²⁾ estreia absoluta

21h30 [c5] Música em Criação

Sala Estúdio

[48]

Pedro Pereira > saxofone alto
Rui Cunha > saxofone barítono
João Tavares > baixo eléctrico
Bruno Félix > bateria

Frederic Cardoso > clarinete
Jorge Lima > percussão

Programa:

- Francisca Martins (1998) | *Puking Inwards* (2016/17)
grupo instrumental variável com electrónica e video, interpretada em saxofone alto e barítono, baixo eléctrico, bateria e electrónica, ca 8'
- Else Marie Pade (1924-2016) | *Etude* (1962)
electrónica sobre suporte fixo, ca 5'30"
- Lucas Xerxes (1990) | *Kowloon* (2017)
electrónica sobre suporte fixo, ca 9'30"
- Daphne Oram (1925-2003) | *Four aspects* (1960)
electrónica sobre suporte fixo, ca 8'
- Ruben Borges (1994) | *Samsara* (2016)
clarinete baixo, percussão e electrónica (ca 7')

dia 21, quarta-feira

18h30 [c6] CCRMA
Sala Estúdio

- obras de compositores associados ao Center for Computer Research in Music and Acoustics, selecção elaborada por John Chowning; 1ª audição em Portugal

Programa:

- Leah Reid (1985) | *Ring, Resonate, Resound* (2014)
electrónica sobre suporte, ca 7'30"
- Elliot Canfield-Dafilou (1990) | *I've counted that 1 b4* (2018)
electrónica sobre suporte fixo
- Alex Chechile (1980) | *On the Sensations of Tone VIII* (2015)
electrónica sobre suporte fixo
- Jessie Marino (1984) | *Grind a stone*
electrónica sobre suporte fixo
- Eoin Callery (1978) | *...and now the Guitar started to listen to every thing I do.* (2018)
electrónica sobre suporte fixo
- Constantin Basica (1985) | *Chapter 31, Pages 415-926* (2016)
octeto de cordas e video

21h30 [c7] Musique Concrète
Sala Estúdio

Programa:

- Pierre Schaeffer (1910-1995) | *Quatre études de bruits* (1948)
electrónica sobre suporte, 12'25"
- Pierre Henry (1927-2017) | *Fanfare et arc-en-ciel* (2015)

- electrónica sobre suporte, ca 20'
- Pierre Schaeffer | *Le trièdre fertile* (1978)
electrónica em suporte fixo [excertos]

dia 22, quinta-feira

21h30 [c8] Concerto com Mário Teixeira (percussão)

Mário Teixeira > percussão

Programa:

- Jean-Claude Risset (1938-2016) | *Five Resonant Sound Spaces* (2001-2)
electrónica sobre suporte, 8 canais, ca 14'30"
- Diogo Silva | [sem título] (2018)
percussão e electrónica em tempo real
- Pedro Berardinelli (1985) | *de...* (2017)
instrumentos de madeira amplificados, ca 10'
- Jean-Claude Risset | *Nature contre nature* (1996-2005)
percussão e electrónica em suporte fixo, 2 canais, ca 14'

dia 23, sexta-feira

18h30 [c9] GRM

- obras de compositores associados ao Groupe de Recherches Musicales, selecção elaborada por Daniel Teruggi

Sala Estúdio

Programa:

- Bernard Parmegiani | *La roue Ferris* (1971)
electrónica sobre suporte, em 2 canais, ca 13'
- Daniel Teruggi | *Après une réécoute de Sud* (2017)
electrónica sobre suporte, em 8 canais, ca 10'
- Pierre Henry (1927-2017) | *Labyrinthe* (2003)
electrónica sobre suporte – excertos, ca 16'
- Daniel Teruggi | *Springtime* (2013)
electrónica sobre suporte, versão para 8 canais (original: 30 canais), ca 14'

21h30 [c10] Música por computador – 50 anos de síntese por FM

Sala Estúdio

Maureen Chowning > soprano

John Chowning > composição e projecção

Programa:

- Jean-Claude Risset (1938-2016) | *Sud* (1984-85)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 24'
- John Chowning | *Turenas* (1972)
electrónica sobre suporte, 4 canais, ca 10'
- John Chowning | *Stria* (1977)
electrónica sobre suporte fixo, 4 canais, ca 17'

- John Chowning | *Phonē* (1981)
electrónica sobre suporte fixo, 4 canais, ca 13'
- John Chowning | *Voices* ¹⁾ (2005/11)
soprano e electrónica em tempo real

¹⁾ estreia em Portugal; a obra já tinha estado programada anteriormente, não tendo chegado a sido apresentada.

dia 24, sábado

10h00 – 17h00 Colóquio: Incursão pelos recursos da electroacústica

Sala Estúdio

- com P. Bento, H. Santana, D. Teruggi, R. Guerreiro e J. Chowning
(creditado para formação de professores)

- Pedro Bento | A disponibilidade dos recursos electroacústica para a Criação Musical, 1906-1958: do Telharmonium de Cahill aos estúdios de Eindhoven
- Helena Santanal | O UPIC de Iannis Xenakis – a ciência ao serviço da criação e da arte
- Daniel Teruggi | Pensar a criação sonora e musical através da tecnologia
- Ricardo Guerreiro | Música e tecnologia: fins, meios e o factor humano
- John Chowning | Síntese por FM Synthesis: 50 anos na Arte e na Indústria

18h30 [c11] Luís Salomé (saxofone) // Belquior Guerreiro (guitarra)

Palco da Sala Principal

Luís Salomé > saxofone alto

Belquior Guerreiro > guitarra

Programa:

- Fabien Levy (1968) | *L'Air d'ailleurs – bicinium* (1997)
saxofone alto e electrónica sobre suporte fixo, ca 9'
- Laurie Spiegel (1945) | *Passage* (1991)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 14'
- José Luís Ferreira (1973) | *I stole a bar from Leo* (2010)
guitarra e electrónica em tempo real, ca 9'
- Pauline Oliveros (1932-2016) | *Bye bye Butterfly* (1965)
electrónica sobre suporte, 2 canais, ca 8'
- Jean-Claude Risset (1938-2016) | *Diptère* (2002)
saxofone alto e electrónica sobre suporte fixo, ca 7'

21h30 [c12] 1958

Sala Estúdio

Programa:

- Bruno Maderna (1920-1973) | *Continuo* (1958)
electrónica sobre suporte fixo, 2 canais, ca 8'
- Luciano Berio (1925-2003) | *Thema – omaggio à Joyce* (1958)
electrónica sobre suporte fixo, 2 canais, ca 6'
- Pierre Schaeffer (1910-1995) | *Etude aux sons animés* (1958)
electrónica sobre suporte fixo, 2 canais, ca 4'

- Iannis Xenakis (1922-2001) | *Concrete pH* (1958)
electrónica sobre suporte fixo, 2 canais, ca 3'
- Edgar Varèse (1883-1965) | *Poème électronique* (1958)
electrónica sobre suporte fixo, 2 canais, ca 8'
- György Ligeti (1923-2006) | *Artikulation* (1958)
electrónica sobre suporte fixo, 4 canais, ca 4'
- Karlheinz Stockhausen | *Kontakte* (1958)
electrónica sobre suporte fixo, 4 canais, ca 37'

dia 25, domingo

18h30 [c13] *Bartolomeu, o voador*
Sala Principal

Jaime Reis (1983) | *Bartolomeu, o voador*
à memória de Bartolomeu de Gusmão e de José Saramago
teatro musical para coro infantil, narrador, flauta, clarinete, violino, violoncelo, piano e electrónica

Coro e solistas da Escola Artística do Conservatório de Música de Aveiro Calouste Gulbenkian

Ângela Alves e João Carlos Soares › direcção
Eunice Almeida › encenação

Raquel Tarelho > narração
Inês Alves › flauta
Rodrigo Neves › clarinete
Pedro Nunes › piano
Leonor Marques Oliveira › violino
Bernardo Gomes › violoncelo
João Guilherme Batista > percussão

Coro

21h30 [c14] Grupo de Percussão da Universidade do Minho
Sala Estúdio

Nuno Aroso > direcção
Guilherme Mendes // Fábio Mota // Henrique Ramos // Rui Ribeiro // Diana Silva // Tiago Tavares

Programa:

- Steve Reich (1934) | *Pendulum Music* (1968; rev. 1973)
electrónica ao vivo, ca 9'
- Tiago Cutileiro (1967) | *Para seis intérpretes* (2018)
sexteto de percussão e electrónica, ca 21'
- Mathew Burtner (1971) | *mists* (1996)
ruído controlado por computador e trio de pedras, ca 4'
- Carlos Caires (1968) | *Quattro* (2004)
quatro percussionistas e electrónica

OFICINAS

Terça e quarta-feira, dias 13

[52]

[o1] oficina de difusão, com Ricardo Guerreiro

Terça-feira, dia 20

[o2] narrativas e gravações de campo, com João Martins [2º/3º ciclos]

Quarta-feira, dia 21

[o3,4] (ou)ver o som, com João Martins [pré-escolar]

Sexta-feira, dia 23

[o5] construção de instrumentos, com João Martins [2º/3º ciclos]

PARTE II

RELATÓRIO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

2012/13

Introdução

Um ano de estágio, ou de Prática de Ensino Supervisionada, é uma oportunidade para reflectir sobre o ensino, para repensar a forma de comunicar com os alunos, uma oportunidade privilegiada para que quem já dá aulas há algum tempo possa escapar a vícios instalados na forma de ensinar.

Enquanto professora estagiária, a minha posição no CMSJG é também privilegiada, na medida em que sou desde o ano lectivo de 2011/12 a professora de Análise e Técnicas de Composição (ATC) da mesma instituição. Tal permite-me ter um maior conhecimento da comunidade escolar, das pessoas (alunos, professores, funcionárias e encarregados de educação), mas também do meio envolvente.

O facto de já no ano anterior ter dinamizado algumas actividades extra-curriculares e de ter participado numa visita de estudo organizada pelos alunos, deslocando-me ao Conservatório por vezes fora do meu horário de trabalho, permitiu-me conhecer outros alunos que não apenas os da classe de ATC, bem como a forma como lidam entre si. Pelo mesmo motivo, benefício de um contacto mais próximo com os colegas do que um estagiário que acaba de chegar a uma escola com que antes não teve contacto e, mais importante ainda, tenho um maior conhecimento da disponibilidade da Direcção Pedagógica para apoiar diferentes actividades, tal como não possuo ilusões quanto à capacidade de resposta do Conservatório no que toca à necessidade de recursos financeiros para o desenvolvimento das mesmas.

Uma parte significativa dos alunos que frequentam o CMSJG fá-lo em regime articulado, sendo para vários deles impensável seguir frequentar uma escola de ensino especializado da música em regime supletivo, já que não dispõem de meios para assegurar o pagamento de propinas.

A vontade de aprender e o empenho dos alunos não parece ter nenhuma relação directa com a categoria socio-económica. Não havendo entre os alunos do curso secundário (os que melhor conheço) casos de pobreza ou de má nutrição, há

consideráveis limites no que toca à participação em actividades paralelas ao plano de estudos.

Poucos dos alunos saem para assistir a concertos noutras cidades, salvo quando neles participam. Poucos viajam, a não ser em contexto de digressão para concertos com grupos da escola. Poucos deles têm hábitos de leitura ou capacidade económica que lhes permita a aquisição de livros, quer de música, quer de literatura e cultura geral.

É frequente ouvir-se dizer aos habitantes locais que o maior empregador da cidade da Guarda é a Câmara Municipal. Trata-se de uma zona em que não há indústria e onde o comércio não é propriamente próspero. Tal facto obriga a excluir a possibilidade de angariar financiadores locais para actividades a desenvolver no âmbito do Conservatório, pelo que todas as actividades que se possa querer propor aos alunos têm que ser financeiramente suportadas por estes. É frequente assistir à comparticipação de despesas das actividades por parte dos professores.

Não obstante as dificuldades, as famílias mostram-se empenhadas na participação da educação dos filhos. Sempre que se convoca os encarregados de educação para reuniões, a maioria comparece e compromete-se a empreender verdadeiros esforços na economia familiar em benefício da educação dos filhos. Esta é a experiência que tenho enquanto professora de ATC do CMSJG e que me ajudou a ser mais realista ao pensar no tipo de actividades a desenvolver.

A grande vantagem no facto de eu não ser um elemento estranho ao CMSJG é a relação que mantenho com os alunos que, sem dúvida, me facilita a interacção dentro da sala de aula.

A cidade da Guarda oferece condições de descanso invulgares no país: quando há neve, a protecção civil encerra as escolas e as aulas ficam sem efeito. Assim se explica que, para além de duas semanas em que faltei em Janeiro, se verifique neste dossier a ausência de outros relatórios de aulas que, de facto, não ocorreram.

Breve descrição das turmas

As turmas de História que foram abertas no ano lectivo de 2012/13 no CMSJG foram apenas duas: a do 10º ano, de História da Cultura e das Artes (HCA), e a do 12º ano, de História da Música (HM). Para além de ambas as disciplinas terem cargas horárias diversas (a primeira com 2h15 minutos por semana e a segunda com apenas 1h30), são também turmas bastante diferentes em termos de atitude, interesse e espírito de grupo.

A turma do 10º ano é composta por 4 alunos que frequentam o Conservatório em regime articulado e por 3 outros que estão inscritos em regime supletivo. Os 4 primeiros moram na cidade da Guarda, têm uma carga horária menos pesada e têm maior convivência entre si- duas alunas frequentam o curso de guitarra, outra frequenta o curso de piano e o único rapaz do grupo frequenta o curso de violino. Com excepção da aluna de piano, os restantes elementos deste primeiro grupo (que se destaca pela convivência interpessoal) são pouco empenhados, pouco pontuais, um pouco desinteressados e tendem a dispersar durante as aulas. Os três elementos que vivem fora da cidade e que frequentam o Conservatório em regime supletivo partilham com os restantes as aulas de Formação Musical e de Classe de Conjunto, vindo ao Conservatório apenas duas vezes por semana. A mais velha deste segundo grupo estuda clarinete e é, dos três, a que está mais atenta e empenhada, embora não seja muito participativa. O irmão frequenta o curso de trompete e é, dos três, o mais desleixado. O terceiro elemento é uma aluna que estuda também clarinete e que faltou a diversas aulas durante o ano lectivo, faltando inclusivamente a momentos de avaliação. Não parece, portanto, uma turma muito empenhada, no seio da qual se sinta uma forte vontade de aprender. Se por um lado estes alunos podem ser estimulantes para professores que gostem de verdadeiros desafios, também podem ser desmotivadores para quem desmoraliza perante o desinteresse dos alunos.

Exceptuando os três alunos que vêm de fora da cidade, todos eles são meus alunos na disciplina de ATC.

A turma do 12º ano é composta por cinco alunos que frequentam o Conservatório em regime articulado e que já são colegas há vários anos (alguns são mesmo colegas desde o ensino pré-escolar). Uma aluna frequenta o curso de canto, outra o de violino, outra o de flauta e há ainda um aluno e uma aluna que frequentam o curso de guitarra, sendo estes os que mais se destacam no desempenho instrumental.

Apesar de ser uma turma em que se pode falar de um passado comum, há entre os seus elementos alguma rivalidade, não necessariamente motivada por uma competitividade no desempenho, mas antes por diferenças de carácter e de formas de interagir.

Trata-se uma turma mais homogénea no seu desempenho nas disciplinas de ATC e de HM, com um maior interesse em aprender, com maior gosto pela partilha de conhecimento e pela audição de música que lhes seja estranha; a meu ver, uma turma mais estimulante para quem ensina.

Relatórios das aulas leccionadas

Tema: Lied alemão

Data: 07/11/12

Turma: 3º ano

Tema: Música de Câmara no Romantismo

Data: 05/12/12

Turma: 3º ano

Tema: Wagner

Data: 06/02/13

Turma: 3º ano

Tema: Dunstable, Dufay e Binchois

Data: 20/02/13

Turma: 1º ano

Tema: Pós-Romantismo: Mahler e R. Strauss

Data: 06/03/13

Turma: 3º ano

Tema: Visualização e discussão de documentário sobre Arte Medieval

Data: 13/03/13

Turma: 1º ano

Tema: Segunda Escola de Viena

Data: 24/04/13

Turma: 3º ano

Tema: Luciano Berio

Data: 22/04/13

Turma: 3º ano

Relatórios das aulas assistidas

Tema: Classicismo/Romantismo; Beethoven

Data: 26/09/12

Turma: 3º ano

- Classicismo/Romantismo na arquitectura, escultura e pintura. O Romantismo musical.
- Beethoven - notas biográficas. O primeiro e segundo períodos da sua produção musical. Audições.

Tema: Cultura da Ágora

Data: 26/09/12

Turma: 1º ano

- A Cultura da Ágora - introdução.
- Os períodos arcaico, clássico e helenístico da Grécia Antiga: principais factos, características e de figuras de diversas áreas.
- Pintura, escultura e arquitectura nos períodos arcaico, clássico e helenístico.

Tema: Beethoven; Música Orquestral do séc. XIX

Data: 03/10/12

Turma: 3º ano

- O "último" Beethoven : características e audição de excertos musicais.
- Música orquestral do século XIX (introdução).

Tema: Música na Grécia Antiga; Cultura do Senado

Data: 03/10/12

Turma: 1º ano

- A música na Grécia Antiga: principais características, reflexões filosóficas e sistema musical grego.
- Audição de exemplos musicais.
- A Cultura do Senado - introdução.

Tema: “Música absoluta” vs “música programática”

Data: 10/10/12

Turma: 3º ano

- As duas correntes da música orquestral do século XIX: música "absoluta" e música programática. Principais representantes.
- As sinfonias de Schubert. Audição de excertos musicais.

Tema: Música no Império Romano

Data: 10/10/12

Turma: 1º ano

- A Cultura do Senado (continuação). O Império Romano: factos e figuras de destaque.
- A inspiração grega e as inovações artísticas em Roma: arquitectura, escultura e pintura.
- A música no Império Romano.

Tema: Música orquestral do séc. XIX (II)

Data: 17/10/12

Turma: 3º ano

- Música orquestral do século XIX (continuação): Schumann, Mendelssohn e Brahms.
- Audição de excertos musicais.

Tema:

Data: 17/10/12

Turma: 1º ano

Tema: Música programática- Berlioz e Liszt

Data: 24/10/12

Turma: 3º ano

- A música programática de Berlioz e Liszt.
- Audição de excertos musicais.

Tema:

Data: 24/10/12

Turma: 1º ano

Tema: Bruckner e Tchaikovsky

Data: 31/10/12

Turma: 3º ano

- As sinfonias de Bruckner e Tchaikovsky.
- Audição de excertos musicais.

Tema:

Data: 31/10/12

Turma: 1º ano

Tema:

Data: 07/11/12

Turma: 1º ano

Tema: aula de revisões

Data: 14/11/12

Turma: 3º ano

- Preparação para a ficha de Avaliação.
- Revisões da matéria dada. Audição de exemplos musicais: música orquestral e Lied do século XIX.

Tema:

Data: 14/11/12

Turma: 1º ano

Tema: Momento de avaliação sumativa

Data: 21/11/12

Turma: 3º ano

Tema:

Data: 21/11/12

Turma: 1º ano

Tema: Música religiosa do séc. XIX

Data: 28/11/12

Turma: 3º ano

- Entrega e correcção da ficha de avaliação.
- Música religiosa do século XIX. Audição de excertos musicais.
- Preparação da "Aula aberta".

Tema: Momento de avaliação

Data: 28/11/12

Turma: 1º ano

Tema:

Data: 05/12/12

Turma: 1º ano

Tema: Aula aberta sobre Mozart

Data: 12/12/12

Turma: 3º ano

- apresentação dos trabalhos dos alunos

Tema:

Data: 12/12/12

Turma: 1º ano

Tema: aula de revisões

Data: 30/01/13

Turma: 3º ano

- Revisões- música religiosa do século XIX: características essenciais e o movimento Ceciliano. Audição de excertos das obras mais relevantes.
- Revisões- música de câmara do século XIX: compositores e obras mais relevantes. Audição de exemplos musicais.
-

Tema:

Data: 30/01/13

Turma: 1º ano

Tema:

Data: 06/02/13

Turma: 1º ano

Tema: Momento de avaliação

Data: 13/02/13

Turma: 3º ano

Tema: Mahler (fui eu?!)

Data: 20/02/13

Turma: 3º ano

- Pós romantismo alemão: a vida e obra de Gustav Mahler.

Tema:

Data: 20/02/13

Turma: 1º ano

Tema: Momento de avaliação

Data: 06/03/13

Turma: 1º ano

Tema: Aula aberta: documentário sobre a vida de Beethoven

Data: 13/03/13

Turma: 3º ano

Tema: Nacionalismo musical no séc. XIX

Data: 03/04/13

Turma: 3º ano

Nacionalismo musical do século XIX. Rússia: o Grupo dos cinco. Audição de excertos musicais. Grieg, Dvorak e Sibelius. Audição de exemplos musicais.

Tema:

Data: 03/04/13

Turma: 1º ano

Tema: Visita de estudo a Coimbra: fontes musicais dos sécs XVI a XVIII

Data: 10/04/13

Turma: 3º ano

Tema: Visita de estudo a Coimbra: fontes musicais dos sécs XVI a XVIII

Data: 10/04/13

Turma: 1º ano

Tema: Momento de avaliação

Data: 17/04/13

Turma: 3º ano

Tema:

Data: 17/04/13

Turma: 1º ano

Tema:

Data: 24/04/13

Turma: 1º ano

Tema: [aula adiada para Junho]

Data: 08/05/13

Turma: 3º ano

Tema: [aula adiada para Junho]

Data: 08/05/13

Turma: 1º ano

Tema: Retrospectiva dos conteúdos dos 3 anos da disciplina de HM (I)

Data: 15/05/13

Turma: 3º ano

Tema:

Data: 15/05/13

Turma: 1º ano

Tema: Esclarecimento de dúvidas; momento de avaliação

Data: 22/05/13

Turma: 1º ano

Tema: Retrospectiva dos conteúdos dos 3 anos da disciplina de HM (II)

Data: 29/05/13

Turma: 3º ano

Tema: Entrega e correcção do teste

Data: 29/05/13

Turma: 1º ano

Actividades propostas no âmbito do estágio

O programa de actividades que me propus desenvolver no âmbito do estágio mostrou-se um pouco mais ambicioso do que o que foi possível pôr em prática, não servindo de justificação plausível o crescente número de outros projectos, dentro e fora do Conservatório, que entretanto fui abraçando e concretizando. Para além da minha não total disponibilidade para me debater pela realização de todas as actividades propostas, em alguns momentos a disponibilidade dos alunos mostrou-se também muito reduzida, em virtude do conjunto de actividades a que estes tinham que dar resposta no contexto global do Conservatório, tornando inviável a prossecução de algumas das propostas.

1. “Música em linha” – blog

<http://musica-em-linha.blogspot.pt/>

A primeira actividade proposta consistia na criação de um blog aberto à participação dos alunos do curso secundário e dos professores das disciplinas do grupo de ciências musicais, em que se visava a partilha de informação sobre eventos, mas também sobre quaisquer temas de interesse sobre música e a actividade dos músicos. Para além da partilha de informação pertinente, o objectivo principal da actividade era o de estimular os alunos a reflectir e a empreender o exercício da escrita, por vezes tão complicado para eles.

Das intenções firmadas no texto de abertura, pouco se cumpriu. Após um primeiro momento de entusiasmo, em que tivemos até dois comentários ao mesmo concerto, escritos por diferentes alunas, a participação fez-se essencialmente por parte de professores.

Falhou fundamentalmente o apelo à participação dos alunos no momento da visita de estudo do Conservatório a Coimbra e de outra à Casa da Música, em que os mesmos poderiam ter participado com reflexões críticas. Ambos os momentos coincidiram com outras actividades que requereram a atenção dos alunos e também dos professores (como ensaios das peças dos alunos para a participação da classe de composição no Serralves em Festa).

O projecto será retomado no próximo ano lectivo, com a nova turma de secundário em regime articulado.

2. Música em linha FM – programa de rádio

De todas as actividades propostas no início do ano lectivo, esta foi aquela que obteve o maior grau de insucesso. A ideia partiu da Direcção Pedagógica do Conservatório e, indo ao encontro de ideias que já tinha tido vontade de pôr em prática mas que não previa agendar para tão breve, abracei-a desde o primeiro momento. A proposta foi de imediato acolhida pelos alunos e foi estabelecido um programa que visava integrar como eixo principal do programa alguns trabalhos que os alunos do 12º ano realizariam no âmbito da disciplina de História da Música.

Houve um contacto facilitado com um elemento de uma rádio local que frequenta o Conservatório em curso livre que nos pareceu desde logo garantir a realização do projecto. Foi enviada uma proposta para a rádio (cf. anexo), com a indicação dos segmentos do programa mensal que nos propunhamos realizar, e foram estabelecidos contactos telefónicos. O interesse inicialmente manifestado pela rádio traduziu-se posteriormente num contacto inacessível. Face a esta inesperada dificuldade, pensámos realizar o programa num formato de webrádio e prosseguimos na preparação dos trabalhos.

O já mencionado excesso de actividade, acrescido de um certo esmorecimento perante a quebra de contacto da rádio contactada, conduziram ao abandono do projecto que se pretendia directamente associado ao blog “Música em linha”.

Surgiu a ideia do Conservatório de, no próximo ano lectivo, associar este projecto à disciplina de Oferta de Escola, de modo que o mesmo não fique esquecido, revitalizando assim ambos os projectos, “Música em Linha FM” (por webrádio ou através de outra estação emissora) e blog “Música em Linha”.

3. Tertúlia “música nova”

De forma a aproximar os alunos do repertório do seu próprio tempo, foram programadas oito sessões de audição comentada, em horário nocturno, destinadas aos alunos do curso secundário, a realizar no CMSJG, na mesma sala onde decorrem as aulas de História da Música e de Análise e Técnicas de Composição.

Pela razão acima apontada, que se prende com o excesso de actividade e a necessidade de preservar os momentos de descanso dos alunos, mas também pelo facto da actividade apenas poder ser realizada à terça-feira noite, sendo que alguns dos alunos tinham aulas cedo na manhã seguinte, as tertúlias propostas reduziram-se a cinco sessões (a 30 de Outubro, 20 de Novembro, 18 de Dezembro, 8 de Janeiro e 26 de Fevereiro). Nelas se partilhou música de compositores como Emmanuel Nunes, Salvatore Sciarrino, Helmut Lachenmann, Gérard Grisey, John Chowning, Jean-Claude Risset, Jonathan Harvey, Hans Zender, António Chagas Rosa e Isabel Soveral, bem como música um pouco mais antiga, ainda por muitos desconhecida, de compositores como Giacinto Scelsi, Luciano Berio, Luigi Nono, Karlheinz Stockhausen, György Ligeti, György Kurtág, Morton Feldman, Bela Bartók, Arnold Schönberg, Alban Berg e Anton Webern.

O objectivo da actividade era tão simplesmente o de ouvir música, num ambiente informal, divulgando um repertório menos tocado mas que faz parte do tempo em que vivemos. O facto de nos sentarmos à volta de uma mesa a ouvir música, sem a responsabilidade de uma avaliação posterior, levou a que os alunos aderissem com facilidade à música proposta, colocando várias questões e, muitas vezes,

manifestando estranheza, mas estabelecendo referências que iam integrando na audição de sessão para sessão.

Pretende-se retomar a mesma actividade no início do próximo ano lectivo, provavelmente estabelecendo desde o início um número mais reduzido de sessões (entre três a seis, dependendo da disponibilidade dos alunos).

Para além das óbvias vantagens do conhecimento da diversidade do repertório, a realização desta actividade em horário pós-laboral, à porta-fechada e na mesma sala em que decorrem as aulas mais “formais”, aumentou a identidade do grupo e o sentimento de pertença a uma pequena comunidade.

4. Blog de partiha de música contemporânea

<http://musica-umapordia.blogspot.pt/>

Complementando as sessões de escuta de música contemporânea em ambiente informal, o blog “1 por dia” surge com o objectivo de promover uma regularidade no hábito de escuta de música do nosso tempo. Regra geral, em cada semana foi partilhada música de um determinado compositor, abrangendo, entre outros, alguns dos nomes partilhados nas tertúlias, de forma que se pudesse trocar impressões sobre música previamente escutada ou, pelo contrário, levar para casa uma impressão musical que pudesse depois funcionar como referência para escutas que seriam suscitadas pelo blog.

Pelos diálogos que foram sendo mantidos com os alunos dentro e fora da sala de aula, percebeu-se que uma parte deles tinha o hábito de visitar o blog quase diariamente. Alguns outros não terão acedido ao blog uma única vez fora da sala de aula.

Parafraseando a Prof. Doutora Rosário Pestana, nem que haja apenas um aluno a usufruir do nosso trabalho, já vale a pena.

Este blog não manterá actividade diária durante a interrupção lectiva do verão, mas regressará com a mesma frequência no próximo ano lectivo.

5. Blog de apoio às disciplinas de HM e de HCA

<http://o-tempo-em-musica.blogspot.pt/>

Com este blog pretendia-se acompanhar as aulas de História de forma a que os alunos encontrassem sempre registos de som organizados de acordo com as aulas leccionadas. A música partilhada seria ainda disposta numa barra cronológica de forma a facilitar a organização.

Uma vez que a Professora da disciplina enviava aos alunos sistematicamente propostas de audição, por correio electrónico, e que, por esse facto, o blog não se afirmava como ferramenta indispensável, a sua actualização foi adiada para uma altura em que o volume de trabalho se mostrasse menor (aspecto que não veio a verificar-se antes do final do ano lectivo).

6. Seminário “Fontes de música impressa dos séc. XVI a XVIII”

Dar a conhecer o papel da musicologia histórica e os desafios que ela suscita através do despertar para a importância das fontes e do riquíssimo património português (passível de se transformar em alvo de interessantes estudos) foram os principais propósitos da programação de um seminário sobre fontes musicais do séc. XVI destinado aos alunos do ensino secundário. Quanto nos pode comunicar um documento foi uma das perguntas que o Prof. Doutor José Abreu deixou como reflexão, a 2 de Abril, na preparação da visita à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, que teria lugar na semana seguinte e em que o próprio nos mostraria alguns originais abordadas no Conservatório.

O Professor orientou-nos num breve percurso pelas principais fontes musicais que se encontram nos arquivos portugueses dando especial destaque ao fundo musical preservado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, o qual reúne um extenso repertório musical (parte dele único), reflectindo não apenas a produção portuguesa, mas também a de um vasto repertório internacional, contemplando compositores espanhóis, franco-flamengos, italianos e outros associados a diversos centros musicais europeus deste período. A mesma colecção detém algumas das obras polifónicas mais antigas de autores portugueses do início do século XVI tais como Pedro Escobar, Vasco Pires e

Fernão Gomes Correia e um conjunto vastíssimo de obras manuscritas deixadas por compositores ligados ao Mosteiro de Santa Cruz, nomeadamente o de Pedro de Cristo (†1618). Igualmente extraordinário é o conjunto de códices da segunda metade do século XVII que incluiu um repertório único, de grande variedade de combinações e géneros, entre os quais os raros vilancicos negros.

No seminário foram destacados alguns livros da excepcional colecção de música impressa, oriundos das principais oficinas de edição musical deste período, sobretudo, as localizadas em Veneza, Roma, Antuérpia mas também das oficinas ibéricas de Madrid, Sevilha, Lisboa e Coimbra. A sessão foi ilustrada com a projecção de algumas das fontes impressas e manuscritas e com a audição de algumas das peças disponíveis em gravações.

Os alunos foram respondendo com entusiasmo às questões colocadas durante a actividade, mostrando um verdadeiro interesse por encontrar as fontes na Biblioteca Geral na Universidade de Coimbra.

Não houve quaisquer custos para os alunos nesta actividade, já que o Prof. Doutor José Abreu não cobrou honorários nem deslocações.

7. Visita de estudo a Coimbra

Inicialmente prevista apenas para os alunos do 9º ano e do curso secundário, a visita de estudo a Coimbra foi, por lapso da Direcção, aberta a todo o curso básico. Em virtude da enorme adesão dos alunos do segundo e do terceiro ciclos do ensino básico, foi necessário encontrar actividades alternativas, já que apenas um reduzido número de alunos poderia entrar na sala da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra para onde algumas fontes musicais dos séculos XVI a XVIII seriam deslocadas, no âmbito da visita. A somar a este contratempo acresceu o facto da Universidade de Coimbra ter trocado o horário da visita geral sem comunicação prévia, pelo que apenas nas vésperas, perante uma última confirmação nossa, nos foi informado o horário a executar. Tais factos obrigaram a um redobrado trabalho na organização da visita, na coordenação do conjunto das actividades e do transporte em dois autocarros.

Prevendo-se a possibilidade da inexistência de guias para a totalidade dos alunos, visitei a Universidade de Coimbra na interrupção lectiva do Carnaval, de forma a eu própria poder orientar parte da visita. No dia da visita, os guias não só eram insuficientes como eram inexistentes, pelo que apenas um dos grupos usufruiu de explicações sobre a história da Universidade de Coimbra e sobre os espaços que aí visitava- Biblioteca Joanina, Piso Intermédio, Prisão Académica, Capela de S. Miguel, Sala dos Capelos (apenas vista de fora, uma vez que decorriam actos académicos na altura da visita), Sala do Exame Privado, Sala das Armas e varanda panorâmica.

Considerando-se a extensão do grupo, procedeu-se à divisão dos alunos em três grupos, cada um deles acompanhado por dois ou três adultos (professores e funcionárias): um composto pelos alunos do ensino secundário e os do 9º ano de escolaridade (grupo A), outro composto pelos alunos do 7º ano e parte dos alunos do 6º ano (grupo B) e um terceiro composto pelos alunos do 5º ano e os restantes do 6º ano (grupo C).

O Grupo A gastou a manhã numa sala privada da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, cumprindo o programa iniciado no seminário sobre fontes musicais dos séculos XVI a XVIII. Os grupos B e C visitaram o Mosteiro de Sta Clara-a-Velha e o renovado Museu Nacional Machado de Castro.

Depois do almoço, todos os grupos fizeram a visita à Universidade de Coimbra, encaminhando-se a pé para a Igreja de Sta Cruz de Coimbra, onde visitaram também a Sala do Capítulo.

Os alunos suportaram os custos de transporte e visita à UC. As entradas no Mosteiro de Sta Clara-a-Velha foram oferecidas, ao abrigo da colaboração do CMSJG com o IPPAR (o CMSJG anima com alguma frequência sessões no Museu da Guarda). A entrada no Museu Nacional Machado de Castro foi livre, mediante a apresentação de credencial do Conservatório.

8. Visita de Estudo à Casa da Música - concerto

Considerando a escassez de oferta de espectáculos musicais de excelência no distrito da Guarda, à semelhança do ano anterior pretendeu-se levar os alunos do ensino secundário a assistir a um concerto na Casa da Música.

Procurou-se um concerto que integrasse música dos Séculos XX/XXI interpretada por agrupamentos de referência, privilegiando-se uma proposta musical diversificada que abrangesse diferentes períodos da história da música. Deu-se a feliz coincidência de a agenda da Casa da Música ter previsto um concerto que num mesmo concerto apresentava dois agrupamentos distintos- o Coro Casa da Música e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, respectivamente dirigidos por Paul Hillier e por Lothar Zagrosek- num programa que combinava música antiga com música do século XX, toda ela alvo de estudo nas disciplinas de História da Cultura e das Artes (HCA) e de História da Música (HM). Facilitou ainda o facto do concerto estar previsto para um sábado (27.Abril.2013), não havendo assim necessidade de que os alunos faltassem a actividades lectivas.

Contactada a Casa da Música, dispusemos de convites para alunos e professores acompanhantes. Para a realização da visita contei este ano com a disponibilização do Director Pedagógico que, tal como eu, transportou no seu carro alguns alunos, com a devida autorização dos Encarregados de Educação, sem quaisquer custos para estes. Tal só aconteceu porque o número de alunos interessados em deslocar-se à Casa da Música correspondia ao que era possível transportar em apenas dois carros, correspondendo a uma taxa de adesão de cerca de quarenta por cento dos alunos que frequentam as disciplinas de HCA e HM.

Do programa constaram obras vocais de Claudio Monteverdi e Carlo Gesualdo intercaladas com uma obra de Luciano Berio que viria a ser invocada numa aula da turma de HM do 12º ano (*Cries of London*). A segunda parte do concerto, preenchida por música orquestral, oferecia uma rara oportunidade para escutar em concerto duas obras magistrais de Luigi Nono (*A Carlo Scarpa architetto, ai suoi infiniti possibili* e *No hay caminos, hay que caminar... Andrei Tarkovsky*), juntamente com música de Giacinto Scelsi.

Os alunos que assistiram ao concerto tiveram uma reacção muito positiva à música escutada.

9. Sessões de audição de música e reflexão: “Omnia Mutantur”

- actividade desenvolvida em Aveiro; partilha de música com a comunidade.

Numa altura em que se revela cada vez mais difícil angariar financiamento e mobilizar recursos para a criação de eventos musicais e em que, ao mesmo tempo, se assiste praticamente à inactividade das salas que integram a rede de teatros públicos, sobretudo no que respeita à música erudita, pareceu-me urgente usufruir do potencial humano que me rodeia no sentido de partilhar a melhor música sem custos, tornando-a acessível a um público diversificado. Para tal, no âmbito da associação Arte no Tempo, a que presido, foram convocados vários músicos e investigadores no sentido de partilhar a música que os apaixona, organizando a oferta musical em ciclos temáticos. Duma forma tão simples como transportando um computador com os registos discográficos seleccionados para um local em que se disponha de amplificação e de licença para difusão de música, é possível ouvir e conversar sobre música, aproximando o público daqueles que a fazem, interpretam e estudam. Tal como se pode ler no sítio da Arte no Tempo, o projecto nasce de uma vontade partilhada de possibilitar o contacto com a música do nosso tempo, “que seja fruto duma atitude honesta e consciente do contexto em que o criador se encontra e daquilo que o precedeu.”

Dá-se à iniciativa o título de Omnia Mutantur como forma de homenagear o compositor Emmanuel Nunes (1941-2012)- que por sua vez recorre a Ovídio- aproveitando a ideia, cara ao colectivo da Arte no Tempo, de que tudo se encontra em constante mudança. Importa recordar que Emmanuel Nunes, desde 1999 associado aos projectos que estão na origem da Arte no Tempo, sempre nos incutiu a necessidade de reconhecer o nosso lugar no presente, cientes do passado.

Omnia Mutantur tem, então, como objectivo principal motivar para a escuta do repertório dos séculos XX e XXI, num contexto de associação com a grande tradição que o precede, através da realização de sessões de audição de música erudita, com uma contextualização verbal simples, com periodicidade semanal e duração aproximada de uma hora, organizadas em ciclos temáticos com a duração média de um mês. Privilegiando-se a audição de música, o objectivo desta breve contextualização (histórica, sociológica ou estilística) é o de fornecer referências que possam proporcionar uma escuta informada no estabelecimento de relações com o conteúdo musical com o qual se está a tomar contacto.

O primeiro ciclo desta actividade, cuja programação se encontra firmada até ao final de 2013 e que integra um projecto mais abrangente de divulgação de música contemporânea, decorreu durante o mês de Maio. Escolhido e confirmado o primeiro convidado especial, o compositor António Chagas Rosa, planeou-se um ciclo inspirado numa obra sua que se propunha apresentar: *As Feiticeiras*. Assim se chega a uma temática tão vasta “Música e texto”, em que houve espaço para partilhar música de Nono, Xenakis e Stockhausen (com Ricardo Ribeiro), Berio (comigo própria) e Helmut Lachenmann (com João Quinteiro).

Inicialmente pensada para o Teatro Aveirense, a iniciativa está a decorrer no Parque de Exposições de Aveiro, até a altura em que se mudará para o Teatro Aveirense (Setembro). Sendo o Parque Expo tão deslocado do centro, não nos é possível aferir se a pouca adesão que a actividade tem suscitado de 6 a 16 pessoas, numa proporção equilibrada entre músicos e não-músicos- se deve ao desinteresse da nossa proposta ou à pouco vantajosa localização do espaço em que decorre.

Não é ainda altura de ver grandes frutos dos nossos esforços, pelo que o segundo ciclo, dedicado à classe de Messiaen (o mestre e os discípulos Boulez, Grisey e Xenakis), se encontra já em curso.

Invocando uma vez mais a ideia da Prof. Doutora Rosário Pestana, se houver pelo menos uma pessoa que se interesse, o tempo gasto na preparação da actividade já foi bem empregue. E é extremamente gratificante ter junto de nós pessoas que não têm o menor hábito de escuta e que nos dirigem diversas perguntas a propósito da música escutada.

Actividades assistidas

ENIM

Reflexão crítica

O estágio que concluí no final de Maio não foi o primeiro estágio pedagógico a que me submeti, uma vez que em 2001/02 concluí uma licenciatura em Ensino de Música (área de composição). Apesar de considerar a partilha a forma mais eficaz de crescer e de ajudar o próximo a crescer, não cheguei ao ensino por paixão. Não tenho particular afeição pelo formato “aula”, em que é suposto cumprir um programa.

Apenas dois anos depois de terminar a licenciatura comecei a leccionar, com vista a reduzir a minha dependência financeira em relação à família.

(...)

aspectos mais positivos:

- aulas a que assisti;
- a possibilidade de estudar e de construir uma nova perspectiva de música já conhecida;

O professor ideal é aquele que orienta o aluno num caminho individual de descoberta do conhecimento e que nele desperta a necessidade vital do conhecimento. Promove o debate e a troca de ideias, incentivando o respeito à individualidade de cada aluno e o enriquecimento mútuo.

Eu mais não fiz do que partilhar informação, por vezes de forma coerente.

ANEXO II

[Proposta apresentada à Rádio Alitude]

Música em linha FM

- um programa sobre música realizado pelo Conservatório de Música da Guarda -

O programa que nos propomos realizar tem como objectivo principal partilhar com a comunidade algum do património universal que é a música que constitui objecto de estudo nos conservatórios de música nacionais.

Fomentando junto dos alunos do curso secundário do CMSJG a pesquisa, reflexão, produção e comunicação de conteúdos, propomo-nos orientá-los num trabalho que tem como fim a divulgação do grande repertório e do contexto em que é produzido.

Pretende-se realizar um programa mensal, a emitir em diferido, com a duração de uma hora, em que, para além da divulgação do grande repertório e da reflexão em torno de diversas problemáticas musicais, serão abordados temas relacionados com a actualidade musical, em que se incluirão concertos que ocorram na região e nos grandes centros urbanos do país, bem como grandes notícias internacionais e lançamentos de discos, livros, revistas, DVDs e partituras, tendo sempre como destinatário um público curioso mas não especializado.

Após uma brevíssima apresentação das diferentes rubricas do programa, num primeiro segmento será exposto um tema em investigação, relacionado com a obra de um compositor consagrado. Nesse segmento, que será o maior do programa e contará cerca de meia hora, o tema em apresentação será intercalado com a audição de exemplos musicais.

[Nos primeiros 10 programas, este segmento será dedicado à obra de Wolfgang Amadeus Mozart.]

O segundo segmento destinar-se-á à exposição de temas da actualidade e de agenda musical. Comentários a concertos que tenham ocorrido nas semanas anteriores, apresentação de concertos que estejam agendados para os dias seguintes, informação sobre compositores e intérpretes envolvidos nesses mesmos concertos serão, sempre que possível, intercalados com a audição de excertos das obras em questão e de testemunhos na primeira pessoa de artistas envolvidos nos mesmos espectáculos.

No terceiro segmento será brevemente apresentado um disco, livro, DVD ou mesmo o lançamento de uma partitura, privilegiando-se a difusão de registos áudio e vídeo de obras do grande repertório, bem como de livros de divulgação destinados ao grande público.

O último segmento – “debate” – será a secção mais livre do programa, em que caberá a discussão em torno de temas diversos, sempre relacionados com a criação, interpretação, produção e divulgação musicais, mas também com o ensino da música e as políticas culturais, para a qual se pretende convocar a participação de personalidades várias do meio musical português, não esquecendo os músicos que estão mais perto de nós, que são os profissionais e aspirantes a profissionais do CMSJG.

Segmento	Dur. Aprox.	Descrição
<i>Grande repertório</i>	30'	Apresentação das linhas gerais da biografia de Mozart, musicalmente ilustradas por excertos de algumas das obras que maior sucesso lhe mereceram em vida.
<i>Actualidade</i>	15'	Apresentação e/ou crítica de espectáculos, com audição de excertos musicais e, sempre que possível, testemunhos de artistas na primeira pessoa.
<i>Em revista</i>	5'	Apresentação de um disco, DVD, livro ou partitura.
<i>Debate</i>	10'	Discussão moderada, com convidados, em torno da produção musical, da divulgação, do ensino da música e das políticas culturais [âmbito regional e nacional].

Início de emissão: Janeiro de 2013

Equipa de realização: alunos do ensino secundário do CMSJG e professores das disciplinas teóricas.

Prof. responsável: Diana Ferreira